UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
GEOGRAFIA LICENCIATURA

ÉVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUÊS

OS ESTUDOS DE GÊNERO NO CURRÍCULO DO CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

RIO GRANDE – RS
2017

Évelin Pellegrinotti Rodriguês

Os Estudos de Gênero no Currículo do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro
Coorientador: Prof. Dr. Solismar Fraga Martins

Rio grande – RS
2017

Évelin Pellegrinotti Rodriguês

Os Estudos de Gênero no Currículo do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro
PPGEC/FURG

_____
Profa. Dra. Juliana Lapa Rizza
PPGEC/FURG

_____
Prof. Mestrando Diego Miranda Nunes
PPGEO/FURG

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe Márcia por toda a dedicação, carinho, educação e incentivo para minha caminhada até aqui. Agradeço, em especial, ao meu companheiro inseparável Patrick, meu amor eterno, que me apoiou todos os dias para que esse estudo se concretizasse, agradeço também a minha vó Theresa por toda a preocupação e carinho que me deram ânimo sempre. Agradeço a sobrinha e afilhada Allya minha motivação para acreditar em um mundo melhor.

Agradeço aos meus colegas de curso, que não mediram esforços para se fazerem presente durante a pesquisa, em especial, Clara, Eliana, Fabrício, Eliane, Liniker, Ricardo e Talisson.

Agradeço a Professora Paula que me acolheu e impulsionou todo esse trabalho, sem ela essa caminhada seria impossível.

Agradeço a Juliana e ao Diego que aceitaram compor a banca de avaliação, e estiveram presente durante toda a caminhada da pesquisa.

Também agradeço ao professor Solismar que aceitou coorientar essa pesquisa, obrigada pela generosidade e pelos ensinamentos.

Obrigada, também a todos/as do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, com vocês meus dias ganharam mais saberes e mais cores.

Desnaturalizar o feminino e o masculino não significa negar a materialidade biológica dos corpos, mas direcionar as discussões para os mecanismos que fazem com que as características biológicas funcionem como justificativa para as desigualdades e posicionamentos sociais.

(SILVA; RIBEIRO, 2016, p. 52)

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de uma pesquisa que buscou investigar no currículo do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG os Estudos de Gênero, como parte integrante desse currículo. Esse estudo tem como base os referenciais pós-estruturalistas e de gênero, os conceitos aqui apresentados advêm dessa abordagem. O objetivo foi investigar as temáticas de gênero no Currículo e no Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a partir dos entendimentos dos/as licenciandos/as sobre estas questões e a importância desta temática para curso. A primeira metodologia utilizada foi a análise documental para investigar nos documentos do curso os Estudos de Gênero em quais espaços/disciplinas seriam aprofundados, também utilizamos como metodologia questionário feito no google forms e um grupo focal para conhecer como os/as licenciandos/as percebem a discussão de gênero no currículo da Licenciatura em Geografia. As análises feitas neste estudo apontam para uma emergência das temáticas de gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura principalmente pelas demandas trazidas pelos/as alunos/as acerca dessas temáticas, os documentos do curso analisados, Projeto Político Pedagógico e Quadro de Sequência Logica também demonstram essa emergência, mas não aprofundam os Estudos de Gênero.

Palavras-chave: Educação. Currículo. Gênero. Geografia Licenciatura.

Lista de Tabelas

Tabela 01- presença de gênero no PPP da Geografia Licenciatura.....27

Lista de Quadros

Quadro 01 - Perfil do professor/a de Geografia.....21
Quadro 02 - Menção sobre gênero no PPP da Geografia Licenciatura.....21
Quadro 03 - Componente Curricular Geografia Humana do Brasil.....22
Quadro 04 - Componente Curricular Geografia do Rio Grande do Sul.....22
Quadro 05 - Componente Curricular Geografia Cultural.....23
Quadro 06 - Componente Curricular Geografia da População.....23
Quadro 07 - Componente Curricular Geografia e Gênero.....24
Quadro 08: Respostas da pergunta - No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo? Se a resposta for afirmativa em que momentos e espaços?.....32
Quadro 09: Respostas da pergunta - Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?.....35
Quadro 10: Respostas da pergunta - Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?.....38
Quadro 11: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....48
Quadro 12: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....49
Quadro 13: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....50
Quadro 14: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....50
Quadro 15: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....51
Quadro 16: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....52
Quadro 17: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.....52

Lista de Gráficos

Gráfico 01: Qual a cor ou a raça que você identifica como a sua?.....29
Gráfico 02: Você ingressou na universidade pelo sistema de cotas.....29
Gráfico 03: Por que você optou por esse curso?.....30
Gráfico 04: Qual a sua expectativa ao fazer esse curso?.....30
Gráfico 05: A respeito de sua identidade sexual você se identifica como?.....31
Gráfico 06: Atualmente, de que religião você diria ser?.....31
Gráfico 07: Você pretende lecionar?.....32
Gráfico 08: Você já ouviu falar em estudos de gênero?.....32
Gráfico 09: Você já ouviu falar em desigualdade entre homens e mulheres?.....33
Gráfico 10: No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo?.....34
Gráfico 11: Você já fez alguma leitura indicada por professor/a do curso sobre as relações de gênero?.....36
Gráfico 12: Você identifica as temáticas de gênero como?.....36
Gráfico 13: Você acha importante para sua formação os Estudos de Gênero?.....37
Gráfico 14: Você considera importante a promoção da igualdade de gênero?.....42
Gráfico 15: Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira?.....42
Gráfico 16: Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira?.....45
Gráfico 17: Na universidade, você já sofreu preconceito?.....47

Sumário

1 Introdução....11
2 Justificativa....12
3 Objetivos Gerais....15
3.1 Objetivos específicos....15
4 Referencial Teórico....15
4.1 Gênero....15
4.2 Gênero e Geografia....17
4.3 Currículo, Gênero e Geografia....20
5 Metodologia....23
5.1 Análise documental: Gênero nos documentos do curso....25
5.2 Análise do questionário: olhares dos alunos/as do curso sobre as questões de gênero no currículo....33
5.3 Grupo Focal....48
6 Considerações finais....54
Apêndices....58
Apêndice A – Questionário para os/as acadêmicos/as sobre as questões de gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura....58
Apêndice B: Termo de consentimento livre e esclarecido....62
Anexos....63
Anexo 01: Disciplinas que possuem e não possuem plano de Ensino....63
Anexo 02: Disciplinas que possuem e não possuem plano de Ensino....63
Anexo 03: Plano de Ensino Geografia da População....64
Anexo 04: Plano de Ensino Geografia e Gênero....65
Anexo 05: Projeto Político Pedagógico do Curso....68

1 Introdução

O desenvolvimento desse estudo é fruto das inquietações suscitadas após eu ter cursado a disciplina de Gêneros e Sexualidades nos Espaços Educativos, no ano de 2014, ainda no começo da minha caminhada na graduação. A disciplina em questão é ofertada para todos os cursos da Universidade, sendo para alguns optativa e para outros é considerada atividade complementar, para o curso de Geografia Licenciatura é complementar, mesmo não sendo disciplina obrigatória sempre tem um número elevado de estudantes interessados/as e matriculados/as. Sendo essa disciplina de extrema importância para a aproximação principalmente dos/as licenciandos/as dos estudos de gênero e sexualidades, levando em consideração que essas questões estão presente em nosso no dia a dia e também em nossa profissão.

Acredito que o interesse por um estudo, nasce das nossas vivências, das nossas indagações, do/a profissional que queremos nos tornar, para que, e para quem queremos fazer a diferença, enquanto compromissados com a nossa formação e com a sociedade em que vivemos. A Educação então para nós, futuros/as educadores/as, é o caminho para pensarmos e problematizarmos as questões de gênero, sendo elas construídas histórica e culturalmente, pautadas em relações de saber/poder, nos permitindo questionarmos os discursos dados como verdades absolutas, problematizando práticas e conhecimentos dados como naturais. (RIBEIRO; VARELA, 2017).

Assim, emergiram ao meu olhar os Estudos de Gênero, depois de ter cursado a disciplina citada, começo a me questionar sobre esses estudos no curso de Geografia Licenciatura: Os/as estudantes sabem da sua importância? Sentem falta ou não desses estudos no curso? Sabem que é um objeto de estudo da geografia? Que disciplinas enfocam tal temática? Qual a importância desta temática para a Geografia e para nossa formação?

Durante toda minha graduação, tentei me aproximar desses espaços de estudo, mas no curso de Geografia Licenciatura, curso que estou em formação, senti falta de um maior aprofundamento dessas discussões, é importante levarmos em consideração que os/as alunos e alunas do curso de licenciatura estão sendo formados em uma profissão para a sociedade, sendo de extrema importância estarem preparados/as para enfrentar as desigualdades, bem como, para promover a igualdade de gênero.

2 Justificativa

Sabemos da importância que os Estudos de Gênero vêm ganhando nas universidades, mas ainda não é o suficiente para que tenhamos a promoção da igualdade de gênero na sociedade, é preciso criar mecanismos de maior abrangência para as discussões acerca deste tema, tão negligenciado em muitos espaços ainda.

É importante ressaltar, que existe o movimento Ideologia de Gênero, composto principalmente por religiosos evangélicos e católicos, apoiado por pessoas conservadoras que não querem debater e entender a importância das discussões em torno das questões de gênero, negando essa urgência para a sociedade, onde mulheres sofrem diariamente violência de gênero, muitas vezes sendo assassinadas. Católicos e evangélicos chegaram a fazer uma cruzada para retirada da palavra gênero do Plano Nacional de Educação o que acabou acontecendo em muitos Estados, mas que não impede as discussões em torno da temática, sendo mantida por outros documentos que trarei mais adiante.

Existe o movimento da retirada de gênero da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, composto por grupos sociais que acreditam, os Estudos de Gênero ser uma ideologia contra a família e que os/as professores/as estão ensinando aos alunos/as determinadas correntes políticas e ideológicas em detrimento de outras, o que coloca mais responsabilidade para com a articulação e favorecimento dessas discussões, principalmente nos nossos espaços de formação para que estejamos preparados/as para o enfrentamento das desigualdades que alguns setores da sociedade querem manter em nome da família e da moral, família essa que só tem um formato e exclui todas as outras possibilidades e formas de amor.

Assim, como nossos espaços de formação ainda são excludentes, predominantemente masculinos, onde as mulheres ainda têm dificuldades para acessar e se manter, entendemos que só através das discussões e problematizações acerca das questões de gênero conseguiremos enfrentar essas desigualdades.

Rogério Junqueira nos diz que:

> Teoria/ideologia de gênero, portanto, existe e não corresponde e nem tampouco resulta do campo dos Estudos de Gênero ou dos movimentos feministas e LGBTI. É, em vez disso, um dispositivo de origem vaticana urdido para promover uma agenda ultraconservadora, antifeminista e antagônica à democracia e aos direitos humanos entendidos em bases mais amplas e plurais. Não por acaso, o sintagma é brandido como um slogan contrário à adoção da perspectiva de gênero ou da promoção do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero em políticas públicas, no mundo social ou na vida cotidiana em geral. (2017, p. 46).

Tendo como base esse pensamento conservador, sobre as questões de gênero ainda muito dominante na nossa sociedade, os Estudos de Gênero são um forte aliado para nós educadores/as desmistificarmos certos padrões sociais tidos como absolutos e para a construção de uma sociedade sem tantas desigualdades.

Juliana Lapa Rizza em sua tese de doutorado fez um aprofundado estudo sobre essas temáticas no Ensino Superior e sobre as políticas públicas que nos dão respaldo para discutir sobre gênero e sexualidade nas escolas, a autora salienta que "[...] o debate de questões que envolvem a diversidade, os direitos humanos, a violência e a discriminação aos grupos sociais minoritários tem sido pensados em algumas políticas públicas [...]" (RIZZA, 2015, p. 87).

Com base em alguns documentos ressalto a importância dos Estudos de Gênero para formação acadêmica dos/as licenciandos/as em geografia, apresento algumas políticas públicas que destacam a importância dessa discussão.

A Constituição Federal, Art. 3º, define, entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a promoção "do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação." (BRASIL, 1988).

No seu Art. 206, dispõe que o ensino será ministrado com base nos princípios da "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento e do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas[...] (BRASIL, 1988).

As Diretrizes e Bases da Educação, Art. 3°, acrescenta aos princípios que devem balizar o ensino o "respeito à liberdade e apreço à tolerância, a gestão democrática do ensino público e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais" (BRASIL, 1996a).

As Diretrizes Nacionais para a Educação em direitos Humanos que no seu Art. 3º nos traz: "A Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios":

I - dignidade humana; II - igualdade de direitos; III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; IV - laicidade do Estado; V - democracia na educação, resolução número 1 de maio de 2012. (BRASIL, 2012b).

O Plano Nacional de Educação aprovado em 2014 na lei número 13.005 com vigência de 10 anos, destaca em seu Art. 2º como diretrizes, "superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação, promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade[...]" (BRASIL, 2014c).

É importante ressaltar neste trabalho também alguns excertos da Base Nacional Comum Curricular, publicada sua terceira versão recentemente e que agora passara pela aprovação do Conselho Nacional de Educação, no texto encaminhado há alguns excertos que asseguram os debates em torno das questões de gênero. Segundo a BNCC as ciências humanas têm como contribuição para a formação da cognição "[...] categorias elaboradas conjuntamente, em meio a circunstâncias históricas específicas, nas quais a diversidade – cultural, étnica, de gênero, entre tantas outras – deve ganhar especial destaque, com vistas ao acolhimento da diferença. " (BNCC, 2016d, p. 305). E ainda destacada como competência específica de ciências humanas para o ensino fundamental "Reconhecer a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural" (BNCC, 2016d, p. 309).

A Geografia cabe um papel importantíssimo "[...] favorece o reconhecimento da diversidade e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade sem preconceitos étnicos, de gênero ou de qualquer outro tipo) [...]" (BNCC, 2016d, p. 313). E uma das competências específicas da Geografia para o ensino fundamental, mais uma vez também diz respeito às questões de gênero sendo ela:

> Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outro tipo (BNCC, 2016d, p. 318).

Temos respaldo dos vários documentos oficiais citados acima, que garantem o debate acerca das questões de gênero e mostram a importância dessas temáticas para nossa formação enquanto professores/as de Geografia, garantindo uma preparação mínima para enfrentar as desigualdades e para promoção de uma sociedade mais plural, sem tantos preconceitos e discriminação.

Quero por fim destacar a emergência da disciplina de Gêneros e Sexualidade nos Espaços Educativos para formação de graduandos/as, que proporciona debates a cerca dessas temáticas fundamentais para professores/as, que na sala de aula vão se deparar com essa diversidade de identidades, sendo ela, o meio para problematizarmos ainda na Universidade os conceitos e metodologias que nos darão base para darmos conta em sala de aula dessas temáticas indispensáveis.

3 Objetivos Gerais

Investigar as temáticas de gênero no Currículo e no Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a partir dos entendimentos dos/as licenciandos/as sobre estas questões e a importância desta temática para o curso.

3.1 Objetivos específicos

Analisar a presença das questões de gênero nas disciplinas do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Conhecer como os/as licenciandos/as da Universidade Federal do Rio Grande - FURG percebem a discussão de gênero no currículo da Licenciatura em Geografia.

4 Referencial Teórico

Esse estudo tem como base os referenciais pós-estruturalistas, os conceitos aqui apresentados advêm dessa abordagem. Num primeiro momento, discutirei o conceito de gênero e como ele vem sendo abordado na Geografia por ser um elemento central no projeto. Após, apresentarei o entendimento de currículo, gênero e Geografia.

4.1 Gênero

Fabiane Silva e Paula Ribeiro entendem o conceito de gênero:

> [...] como uma construção social, cultural, histórica e discursiva que se dá mediante relações de poder, produzindo mulheres e homens, distinguindo-os como corpos "femininos" e corpos "masculinos". Nessa perspectiva, o gênero não é percebido como uma construção que se dá sob uma matriz biológica dada a priori, fixa e imutável, mas o próprio corpo é compreendido através de uma interpretação do gênero. (SILVA; RIBEIRO, 2016, p. 51).

Segundo as autoras "levando em conta tais entendimentos, operar com o conceito de gênero significa operar numa abordagem construcionista, colocando-se contra a naturalização do feminino e do masculino" (SILVA; RIBEIRO, 2016, p. 52). Compreendendo que ser homem e mulher são construções que se dão ao longo de nossas vidas.

É importante destacar, que, nós somos construídos/as como homem e mulher ao longo de nossas vidas, acredito que essa construção seja constante e transitória, por exemplo hoje sou mulher, não quero ser mãe, mas quero ser dona de casa, daqui a dois anos, sou mulher,

quero ser mãe e quero trabalhar como vendedora, por fazer escolhas diferentes eu não deixo de ser mulher, existem muitas maneiras de ser mulher, a naturalização de um padrão de como a mulher tem que ser, por muito tempo, vem fazendo com que muitas de nós acabem sofrendo por não se enquadrar nesses padrões ditos normais. Essa naturalização também serve para o homem, existe um padrão socialmente construído de homem, para ser homem tem que ser forte, não pode chorar "demostrar sentimentos", não pode fazer os serviços de casa como lavar louça, roupas, fazer comida, se for vaidoso, fazer unha, cuidar do cabelo, aí mesmo que é ridicularizado, os homens que não se encaixam nessa masculinidade padrão também sofrem.

> Desnaturalizar o feminino e o masculino não significa negar a materialidade biológica dos corpos, mas direcionar as discussões para os mecanismos que fazem com que as características biológicas funcionem como justificativa para as desigualdades e posicionamentos sociais. Portanto, não são propriamente as características biológicas que definem o gênero, mas os significados culturais, sociais e históricos atribuídos às características biológicas que produzem os sujeitos, distinguindo-os e separando-os como homens e mulheres [...] (SILVA; RIBEIRO, 2016, p. 52).

Guacira Louro (2007) também considera o conceito de gênero uma construção, histórica e social, na tentativa de se entender como essa construção é produzida a partir das diferenças biológicas é recolocado o debate no âmbito social, pois é nele que se constroem as relações desiguais entre os sujeitos.

Sendo no âmbito das relações sociais que se dá a construção dos gêneros, os estudos mesmo que priorizando as mulheres eles agora estarão também se referindo aos homens em uma tentativa de evitar afirmações generalizadas a respeito da "mulher" ou do "homem". (LOURO, 2008). Afirmando assim essas outras possibilidades de se viver os gêneros e desnaturalizando a ideia que só existe um tipo de mulher e de homem. "O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. " (LOURO, 2008, p. 23).

As diferentes formas de viver os gêneros e as sexualidades, toda essa construção social, cultural e histórica precisa ser (re)vista, ouvida, representada, mesmo que ainda exista resistência de uma parte conservadora da sociedade com uma tendência de negação dessas diferentes formas.

Vivemos em uma sociedade de múltiplas identidades, sujeitos diversos onde ninguém é igual a ninguém, mas onde todos querem respeito para viver essa multiplicidade, não cabe mais caixinhas, como se entrássemos nelas e saíssemos moldados, um igual ao outro em nossas sexualidades e nas vivências de gênero. Louro nos fala desse embate, desse desafio de

admitirmos que as construções e (re)construções são constantes e que é preciso abrir os olhos para essa multiplicidade.

> Esse embate, como qualquer outro embate cultural, é complexo exatamente porque está em contínua transformação. No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser mais aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é possível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexual é o lugar que alguns escolheram para viver. (LOURO, 2008, p. 21).

Nas palavras anteriores da autora é possível identificar que essa fronteira atribuída a vivência de alguns sujeitos é justamente a margem da sociedade, somos perpassados por inúmeros preconceitos, construídos por uma sociedade de padrões normativos, de maneiras de viver consideradas certas ou erradas, essa construção se dá já ao nascimento de uma criança, meninas por exemplo usam rosa e meninos azul, nas meninas é colocado brincos nas orelhas nos meninos não, menino tem que ser forte, não podem chorar, meninas delicadas, menino não pode gostar de rosa, usar rosa então ele é chamado de vários adjetivos pejorativos, assim vão se construindo os padrões de normalidade que excluem quem não se encaixa. Sendo assim, para Louro:

> Ainda que normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, p. 19-23).

A Geografia não se absteve do debate em torno das questões de gênero e após apresentar os conceitos de gênero, no item a seguir articulo com o pensamento de uma Geógrafa e uma historiadora, mostrando a importância dessa temática para a Geografia.

4.2 Gênero e Geografia

Os Estudos de Gênero também passaram a ocupar lugar primordial para geógrafas/os que estão se dedicando a estas temáticas e que sabem da importância delas para a geografia contemporânea, Joseli Maria Silva é uma delas e vem pesquisando e problematizando sobre gênero e geografia.

Silva (2009) começa seu texto: Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica com uma pergunta "Por que a geografia brasileira é pouco permeável à abordagem de gênero? "

E responde:

> Desde a década de 70 há uma produção científica que questiona a ausência das mulheres na ciência geográfica, e ela se aprofundou nos anos 80 e 90, com a incorporação da interseção de categorias sociais como classe, gênero, raça e sexualidades. O desenvolvimento da crítica epistemológica ao monotopismo da produção geográfica moderna – objetiva, neutra e universal –, que suplantava e invisibilizava vários sujeitos(as) não identificados(as) com o homem, branco, heterossexual, ocidental e cristão, foi e ainda é uma das maiores contribuições da corrente chamada "geografia feminista." (SILVA, 2009, p. 55).

Silva (2009) destaca também as relações de poder que envolvem o fazer geográfico, só quando passamos a nos dar conta que esse fazer é uma construção social, desenvolvemos uma atitude crítica sobre esse fazer geográfico, duvidando da consagração das verdades hegemonicamente difundidas e compreendemos, por que razões determinados sujeitos estão ausentes desse discurso. "As ausências e os silêncios de determinados grupos sociais são resultados de embates desenvolvidos na comunidade científica, que criam hierarquias e dependências, ratificando o poder de grupos hegemônicos [...]" (SILVA, 2009, p. 25). Na tentativa de manter seus princípios sem se preocupar com questões importantes, só querem manter sua hegemonia, sua maneira de viver e ser, independente que muitas pessoas ou a maiorias das pessoas sofram todos os dias com um padrão de sociedade único, excludente, onde muitos grupos estejam a margem sem condições de viver suas multiplicidades, de amar, de ser, de identidades, etc.

Segundo Silva:

> Foi sob os protestos contra privilégios epistêmicos de gênero e raça realizados por mulheres, negras(os) e homossexuais que se deflagrou definitivamente a crise da ciência moderna, bem como uma reflexão em torno de suas consequências históricas e éticas para o mundo colonizado [...] (SILVA, 2009, p. 55).

Esses grupos excluídos, mulheres, mulheres negras, homens negros, homens e mulheres transexuais vêm gritando a muito tempo por espaço na sociedade, na ciência, no mercado de trabalho, e, é através de espaços que problematizem as discussões de gênero que podemos promover e pensar uma maneira desses grupos serem representados e lutarem por seus direitos. Segundo Rachel Soihet (2015, p. 28) "Um outro aspecto a ser ressaltado refere-se ao predomínio de imagens que atribuem às mulheres os papéis de "vítima" ou de "rebelde". Para a autora

> Surge daí a importância de enfoques que permitam superar a dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos, buscando-se visualizar toda a complexidade de sua atuação. Assim torna-se fundamental uma ampliação das concepções habituais de poder, para o que cabe lembrar a importância das contribuições de Michel Foucault. (SOIHET, 2015, p. 38).

Ainda segundo Soihet é importante destacar que "a ênfase no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, afasta o fantasma da naturalização; a precisão emprestada à ideia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder [..]" (SOIHET, 2015, p. 38). Essas relações de poder vêm se construindo ao passar dos anos e os Estudos de Gênero colocam em xeque a todo momento essas normas estabelecidas que posicionam determinados grupos sociais a margem de outros "acresce-se a significação, emprestada por esses estudos, à articulação do gênero com a classe e a raça. Interesse indicativo, não apenas do compromisso com a inclusão da fala dos oprimidos, como da convicção de que as desigualdades de poder se organizam, conforme esses três eixos." (SOIHET, 2015, p. 38).

Na Geografia Brasileira por muito tempo esses estudos foram colocados em desmerecimento o que desencorajava muitos/as geógrafos/as a aprofundar seus estudos sobre as temáticas de gênero. Segundo Silva "o estudo de mulheres pobres, prostitutas, travestis, meninas exploradas sexualmente e meninos de periferias urbanas envolvidos em infrações cada vez mais graves definitivamente não se configurava como tema relevante no meio científico da geografia brasileira." (SILVA, 2009, p. 17). Temas vistos como não-geográficos pelos geógrafos/as conservadores/as sem levar em consideração que a Geografia estuda o espaço geográfico e nele estão presentes todas as relações sociais e suas consequências.

Apesar de todas as adversidades colocadas por Silva em seus textos ela não se abateu e em 2005 formou a Rede de Estudos de Geografia Gênero e Sexualidades da América Latina (REGGSAL) que tem como objetivos:

> Articular pesquisadores, militantes e outras parcerias a fim de fomentar o debate sobre espaço, equidade de gênero e direitos sexuais.
> Ampliar as perspectivas de gênero e sexualidades no âmbito da ciência geográfica.
> Contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas por meio de divulgação de pesquisas realizadas pelos componentes da rede. (REGGSAL, 2005).

A Rede de Estudos vem nos mostrando através de suas pesquisas e publicações o quanto essa temática é importante sim para a geografia e imprescindível para que esses grupos marginalizados melhorem sua condição em relação aos padrões marcados como norma e suas invisibilidades sociais. Segundo Silva "A ciência geográfica hegemônica é marcada por

privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante" (2009, p. 26). Essa hegemonia se dá através das relações de poder presentes no espaço geográfico, relações essas que tem cor, classe social e religião sendo ela branca, rica e cristã. Ainda segundo a autora:

> O poder apresenta fissuras e implica múltiplos feixes de relações. Assim a subordinação das pessoas ao discurso hegemônico se estabelece por meio de tensões, que desestabilizam a pretensa universalidade científica. Nessa perspectiva, emergiram as chamadas "geografias feministas", desenvolvidas com o objetivo de desafiar a crença fundamentalista da universalidade do saber geográfico estabelecido, por meio da reivindicação de novas versões científicas que pudessem trazer para a visibilidade grupos sociais repudiados pelo conhecimento hegemônico. (SILVA, 2009, p. 26).

A Geografia através de geógrafas como Joseli Silva está fazendo um importante movimento para visibilizar as temáticas de gênero possibilitando um aprofundamento dessas questões. No próximo item apresento, currículo articulando com gênero e geografia foco principal desse trabalho que é a análise do currículo do curso de Geografia Licenciatura.

4.3 Currículo, Gênero e Geografia

Sobre o currículo este estudo também se fundamenta na perspectiva pós-estruturalista especificamente no que nos diz Tomaz Tadeu da Silva, o currículo como produtor dos sujeitos "aos quais fala, os indivíduos que interpela" (SILVA, 2006, p. 12). Estabelecendo diferenças, construindo hierarquias, produzindo identidades. As identidades de gênero também são construídas através do currículo, segundo o autor o currículo é elemento discursivo, o/a professor/a é parte dessa construção social, em seu discurso ele/ela vão normalizando os gêneros, com simples e efetivas colocações, como, por exemplo, pedindo para apenas as meninas arrumarem a sala de aula tendo como norma que isso é papel de mulher ou nas afirmações generalistas que os meninos são os bagunceiros, as meninas são educadas e escutam, ou nos próprios conteúdos, negligenciando as diferenças que são colocadas entre meninos e meninas.

> Não por coincidência, o currículo é também um dos elementos centrais das reestruturações e das reformas educacionais que em nome da eficiência econômica estão sendo propostas em diversos países. Ele tem uma posição estratégica nessas reformas precisamente porque o currículo é o espaço onde se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político. É por meio do currículo, concebido como elemento discursivo da política educacional, que os diferentes grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua "verdade". (SILVA, 2006, p. 10).

O currículo tem um caráter social e não pode ser pensado fora das relações de poder, é através dele que podemos mediar uma aprendizagem que leve os/as estudantes a questionarem as verdades dadas como absolutas, a procurar saber por quem, para quem serviu e serve esses saberes, por que esses e não outros saberes estão presentes no currículo, há outras "verdades" quais seriam as minhas "verdades" assim vão se construindo, desconstruindo e se reconstruindo os sujeitos.

Segundo Silva o currículo e a cultura são relações sociais de poder, estão em disputa, tanto o currículo quanto a cultura não são produtos acabados, são produções de "[...]significados e sentidos que queremos que prevaleçam relativamente aos significados e aos sentidos de outros indivíduos e de outros grupos." (2006, p. 21).

Para o autor mesmo que visto como produto acabado, o currículo revela ainda as marcas das relações sociais de sua produção. (SILVA, 2006, p. 22).

> Desde sua gênese como macrotexto de política curricular até sua transformação em microtexto de sala de aula, passando por seus diversos avatares intermediários (guias, diretrizes, livros didáticos), vão ficando registrados no currículo os traços das disputas por predomínio cultural, das negociações em torno das representações dos diferentes grupos e das diferentes tradições culturais, das lutas entre, de um lado, saberes oficiais, dominantes e, de outro, saberes subordinados, relegados, desprezados. Essas marcas não deixam esquecer que o currículo é relação social. Mas sua existência como relação social não termina aí. Mesmo que apareça em nossa frente como produto acabado, como matéria inerte, o currículo, como outros conjuntos de matérias significante, é submetido a um novo trabalho de significação, que só pode ser, outra vez, realizado no contexto de relações sociais. Essas relações sociais são necessariamente relações de poder. (SILVA, 2006, p. 22).

Entendemos assim porque alguns saberes são dados como mais importantes que outros, é simplesmente uma maneira de manter o *status quo*, cabe a nós problematizar, questionar, colocar em xeque esses saberes naturalizados. "No currículo se joga um jogo decisivo. Qual é a nossa aposta, qual é o nosso lado, nesse jogo? O que vamos produzir no currículo entendido como prática cultural?" (SILVA, 2006, p. 29). Vamos somente reproduzir a cultura dominante, vamos continuar a excluir determinados sujeitos, vamos fazer de conta que outros tantos sujeitos não existem "Ou vamos fazer do currículo o campo aberto que ele é, um campo de disseminação de sentido, um campo de polissemia, de produção de identidades voltadas para o questionamento e para a crítica?" (SILVA, 2006, p. 29).

É preciso se posicionar e essa decisão é pessoal, só nossa, que reflete nossas posições teóricas. "O currículo é, sempre e desde já, um empreendimento ético, um empreendimento político. Não há como evitá-lo." (SILVA, 2006, p. 29). Assim, como não podemos negar as

normalizações em relação ao gênero que perpassam o currículo, as verdades postas a muito tempo como absolutas, que os Estudos de gênero problematizam a fim de minimizar as desigualdades.

Antonio Carlos Pinheiro (2004) em um de seus textos nos fala sobre inclusões sociais no currículo da geografia e umas das temáticas que ele aborda é a de gênero. O autor salienta que a exclusão se sustenta no discurso, em práticas discursivas que fortalecem a condição de inferioridade e sobre as questões de gênero no currículo ele apresenta que não encontrou nenhuma pesquisa no período estudado entre 1967 a 2006, estudo realizado na busca de dissertações e teses relacionadas a discussão da inclusão/exclusão social, "tendo como referência a pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia" (PINHEIRO, 2014, p. 210). Sendo o primeiro e único trabalho a dissertação de Telma Fortes intitulada "Geografia e gênero: um estudo no contexto escolar" realizada no ano de 2008. Pinheiro destacou também a tese de Ivani Maria Tonini realizada em 2002, que "estudou a produção de identidades de gênero, de geração e de etnias em livros didáticos do Ensino Fundamental na perspectiva dos estudos culturais da educação." Segundo ele a autora demostra em sua tese como os discursos sobre as territorialidades dos países, são referenciados construindo intencionalmente identidades. (PINHEIRO, 2014, p. 210).

Os dados apresentados por Pinheiro em sua pesquisa, referentes a ausência de mais estudos sobre as questões de gênero no ensino de geografia, podem ser o reflexo ainda da exclusão dessas temáticas em alguns espaços acadêmicos. Para o autor "Tratando de gênero e sexualidade, a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções que circulam na sociedade, mas ela própria as produz." (PINHEIRO, 2014, p. 210-211).

Rafael Straforini destaca as contribuições do pós-estruturalismo para o debate curricular advindas de Foucault, Derrida, Deleuze entre outros, que a partir de 1990, começou a gerar novas perspectivas discursivas, colocando no debate curricular as temáticas de gênero e sexualidade. "Dentre os percursores desse movimento, destaca-se o grupo liderado pelo professor Tomaz Tadeu da Silva, da UFRGS." (STRAFORINI, 2014, p. 53). No que é colocado pelos autores em termos de tempo, podemos perceber as questões de gênero bem atuais para o ensino da geografia, o que me leva a acreditar que essa temática ainda vai ganhar espaço em mais pesquisas sobre o ensino de geografia.

No item a seguir abordarei as metodologias que serão usadas para alcançar os objetivos dessa pesquisa.

5 Metodologia

Esse estudo tem como base a pesquisa qualitativa que segundo Rosaline Barbour (2009, p. 12) "[...]Visa a abordar o mundo "lá fora" (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais "de dentro" de diversas maneiras diferentes."

Dou destaque a duas maneiras expressa por Barbour a análise de experiências dos indivíduos ou grupos, que segundo a autora podem estar relacionadas com suas "histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia" (2009, p. 12). Também a investigação através de documentos, destaco estas duas maneiras porque foram os caminhos que percorri para alcançar o objetivo da pesquisa, análise dos documentos referentes ao currículo do curso de Geografia Licenciatura, projeto pedagógico, questionário e grupo focal.

Para a produção dos dados da pesquisa foi realizado:

1. Análise dos documentos do curso como ementas, projeto pedagógico e programa curricular. A análise foi feita para uma possível identificação das questões de gênero já na documentação do curso, como pistas para abordar essas temáticas e em quais disciplinas essas discussões estão previstas. "A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação." (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 13).

   > O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 2).

   Esse recurso se faz importante para minha pesquisa por se tratar dos documentos bases do curso e que dão o suporte dos conteúdos a serem trabalhados pelos/as professores/as e discussões previstas em torno desses conteúdos.

   > A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os fatos devem ser mencionados, pois constituem os

> objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 10)

É importante destacar que fiz o uso combinado de outros métodos como questionário e grupo focal para alcançar o objetivo da pesquisa, como descrevo a seguir.

2. Foi feita aplicação de Questionário misto no google drive sobre as questões de gênero para os/as acadêmicos/as do curso de Geografia Licenciatura para verificar a importância para eles/as dessas temáticas. O uso de questionário se faz importante porque como citado anteriormente os documentos oficiais principalmente quando se trata de estudar o ambiente educacional eles podem não refletir o cotidiano, podendo acontecer algumas mudanças na maneira de trabalhar alguns conteúdos por um motivo ou outro. Através do questionário podemos ter uma ideia melhor sobre as questões de gênero, sua presença nas disciplinas propostas e sua compreensão pelos alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.
   Sobre o questionário Antônio Gil nos diz que pode ser definido "como uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas, com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas [...]" (1999, p.121).

3. Foi realizado Grupo focal sobre as questões de gênero com acadêmicos/as do curso de Geografia Licenciatura. O grupo focal entendo como caminho para compreender se estamos tendo uma formação que nos leve a problematizar, as questões de gênero e que nos prepare para o enfrentamento das desigualdades, sendo uma escolha que nos levou a aprofundar as questões de gênero no currículo do curso, mostrando outras possibilidades e visões dessas temáticas no nosso currículo. Como nos traz Gatti "O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes [...]" (GATTI, 2012, p. 11). É pensando nos discursos que nos interpelam que vamos usar o grupo focal, problematizando com os/as participantes no caso os/as graduandos/as do curso de geografia

> licenciatura as questões de gênero a partir do entendimento que esse método "[...] pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmicas, contraditórias, ou a questões difíceis de serem abordadas em função de autoritarismos, preconceitos, rejeição ou sentimentos de angústia ou medo de retaliações [...]" (GATTI, 2012, p. 14). Portanto, o grupo focal foi um espaço de diferentes vivências, realidades e percepções de mundo distintas, assim como diferentes motivações a profissão escolhida, um espaço para que as questões da pesquisa emerjam aos diferentes olhares, mas que segundo Gatti com uma característica em comum, que no caso desse estudo é a nossa formação acadêmica. Foi feito convite para os/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura do encontro para o grupo focal, esse encontro como citado anteriormente teve a finalidade de trocarmos diferentes vivências e visões sobre as temáticas de gênero, como elas vem sendo discutidas e como podemos abordá-las em nossa formação acadêmica e para nossa futura profissão.

5.1 Análise documental: Gênero nos documentos do curso

O primeiro passo para a análise documental foi o acesso aos documentos referentes ao curso de Geografia Licenciatura, como sou formanda do curso tenho facilidade em obter todo o material, sendo alguns disponibilizados no meu próprio perfil de acesso ao sistema da Universidade. O PPP foi solicitado a coordenação do curso, assim como o documento sobre oferta de disciplinas, sem nenhuma dificuldade ou restrição tanto por parte da coordenação quanto pelo Instituto de Ciências Humanas e da Informação onde está lotado o curso de Geografia Licenciatura.

Comecei lendo o PPP que conforme Ilma Passos Alencastro Veiga (1995, p. 11) é "entendido como a própria organização do trabalho pedagógico da escola como um todo." (VEIGA, 1995, p. 11). A leitura do PPP, sendo assim se torna fundamental para entender o currículo do curso e verificar a presença das questões de gênero. Segundo Veiga,

> O projeto não é algo que é construído e arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola. (VEIGA, 1995, p. 13).

A estrutura do PPP (Anexo 05) do curso de Geografia Licenciatura da FURG se divide em: Histórico dos cursos de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Justificativa da criação do novo curso de Geografia Licenciatura; Princípios norteadores; Estrutura curricular do curso de Geografia Licenciatura; A sistematização do curso de Geografia Licenciatura; Objetivo do curso de Geografia Licenciatura; Perfil do candidato ao curso de Geografia Licenciatura; Competências e habilidades dos graduados em Geografia Licenciatura; Estrutura curricular da Licenciatura em Geografia; Currículo comum a licenciatura e ao bacharelado; Estrutura curricular específica do curso de Geografia Licenciatura; Articulação entre o Projeto Político Pedagógico Institucional e o Projeto Pedagógico do curso de Geografia Bacharelado. Cada item vai aprofundando as questões sobre o curso, e, em alguns momentos fazendo articulação com o Bacharelado em Geografia curso criado em 1989, oito anos após entrar em vigor a habilitação do curso de licenciatura, que tem como objetivos:

> Assegurar uma estrutura de conhecimentos básicos que habilite o aluno às etapas da organização curricular;
> Propiciar a formação da consciência crítica, embasada em conhecimentos teóricos e técnicos;
> Proporcionar a instrumentalização de conhecimentos profissionalizantes de caráter geral. (PPP, 2014, p. 2)

Em 1988, seguindo exigências da Constituição Federal os/as professores de graduação precisaram fazer cursos de mestrado e doutorado promovendo maior diversidade de saberes para o curso de Geografia, que a partir de 1995 ganhou uma reorganização curricular segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional refletindo assim também mudanças no QSL do curso.

Após a reformulação o curso ganha um novo perfil para o professor/a de Geografia:

Quadro 01 – perfil do professor/a de Geografia

Perfil do Professor: "o professor de Geografia deverá dominar o conteúdo específico e conhecer as técnicas e recursos didáticos/pedagógicos necessários aos processos de ensino-aprendizagem, resguardando o adequado entendimento das relações entre a atividade profissional e as questões sociais, políticas e culturais da realidade em que atua. Para isto suas principais características são: dinamismo; participação ativa nos acontecimentos contemporâneos em escala local, regional, nacional e global; gosto pelo estudo e leitura: manter-se atualizado no desenvolvimento didático/pedagógico e na evolução do

> conhecimento geográfico; disposição para pesquisa; preocupação com os problemas socioambientais.” (PPP, 2014, p. 4)

Analisando o perfil profissional do/a professor/a de Geografia ele se mostra um perfil potente para atender as demandas da nossa sociedade a partir da formação dos/as futuros/as docentes, preocupação com as questões sociais que representa as questões de gênero e sua forte mudança para mulheres e homens em nossa sociedade, perfil dinâmico que pode sem dúvidas colocar em xeque/tencionar os papéis de gênero construídos socialmente e que estão em movimento.

Abaixo quadro 02 com descrição das disciplinas com previsão de trabalhar as questões de gênero, umas das duas vezes que é mencionada a palavra gênero no PPP.

Quadro 02 - Menção sobre gênero no PPP da Geografia Licenciatura

> A estruturação dos cursos tem como pressupostos os eixos temáticos do conhecimento da Geografia forjados na tradição da Geografia Humana, da Geografia Física, da Geografia Regional e da Cartografia com os aperfeiçoamentos das tecnologias de geoprocessamento, as quais sustentam articulações complexas, envolvendo conhecimentos das ciências naturais e humanas e suas possíveis representações cartográficas nas dimensões de análise e síntese. Combinado com os eixos temáticos centrais, os QSLs aprofundam a formação para o entendimento e a posição propositiva em relações a temas que acompanham a história da disciplina como aqueles ligados as questões ambientais em diversas disciplinas obrigatórias como em Geografia e Meio Ambiente e destacadas na Política Nacional de Meio Ambiente (Decreto 4.281 de 25 de junho de 2002) e interseccionais relacionadas ao gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. A leitura interseccional nas análises dos processos gerais estão contempladas em disciplinas obrigatórias como Geografia da População e Geografia Cultural e nos recortes regionais em Geografia Humana do Brasil e Geografia do Rio Grande do Sul, bem como em disciplinas optativas como Geografia e Gênero. (PPP, 2014, p. 13)

Abaixo a tabela 01 apresenta a presença da palavra gênero no PPP bem como sua localização no documento e páginas para busca.

Tabela 01- presença de gênero no PPP da Geografia Licenciatura

Presença	Localização no documento	Página

Temas interseccionais relacionadas ao gênero, sexualidade e relações étnico-raciais	Estrutura curricular do curso de Geografia Licenciatura	13
Geografia e Gênero	Estrutura curricular específica do curso de Geografia Licenciatura	18

Fonte: Dados retirados do PPP.

Das 41 disciplinas obrigatórias do curso as discussões de gênero estão previstas em apenas 4 e das 44 disciplinas optativas em apenas 1, mas como vamos verificar a seguir nos recortes relacionados as disciplinas não aparece nas ementas menção a gênero como previsto no PPP.

> [...]interseccionais relacionadas ao gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. A leitura interseccional nas análises dos processos gerais estão contempladas em disciplinas obrigatórias como Geografia da População e Geografia Cultural e nos recortes regionais em Geografia Humana do Brasil e Geografia do Rio Grande do Sul, bem como em disciplinas optativas como Geografia e Gênero. (PPP, 2014, p. 13)

Relação das disciplinas obrigatórias com previsão de discussões acerca das questões de gênero: Geografia da População, Geografia Cultural, Geografia Humana do Brasil e Geografia do Rio Grande do Sul e na disciplina optativa Geografia e Gênero.

A busca pelos planos de ensino das disciplinas foi feita pelo site da Universidade através do sistema de informações acadêmicas a disciplina de Geografia Humana do Brasil não possui plano de ensino disponível conforme (Anexo 01), abaixo detalhes do componente curricular quadro 03.

Quadro 03 - Componente Curricular Geografia Humana do Brasil

Unidade Acadêmica: ICHI-ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Código: 10665
Nome Completo: Geografia Humana do Brasil
Duração: Semestral
Disciplina (s) Equivalente (s):

- 05064 - GEOGRAFIA DA POPULACAO **ou**
- 05165 - BRASIL NATUREZA E SOCIEDADE **ou**
- 05175 - GEOGR. REGIONAL DO BRASIL **ou**
- 10376 - Brasil Natureza e Sociedade

Pré-Requisito (s):

- **Mínimo de Horas Cursadas:** 900

Carga Horária:

- **Semanal:** 4 aulas
- **Total:** 72 aulas = 60 h

Créditos: 4

Ementa: Incorporação do território ao sistema colonial. Formação e consolidação do espaço brasileiro. Processo de formação do espaço industrial e urbano. O papel do Estado na formação territorial e nos diferentes processos de regionalização. A construção e a manutenção das diversas territorialidades no Brasil: os quilombolas e os indígenas.

Fonte: Sistema de Informações Acadêmicas.

A disciplina de Geografia do Rio Grande do Sul não possui plano de ensino disponível conforme (Anexo 01), abaixo detalhes do componente curricular, quadro 04.

Quadro 04 - Componente Curricular Geografia do Rio Grande do Sul

Unidade Acadêmica: ICHI-ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Código: 10657
Nome Completo: Geografia do Rio Grande do Sul
Duração: Semestral
Disciplina (s) Equivalente (s):

- 10377 - Rio Grande do Sul Natureza e Sociedade

Carga Horária:

- **Semanal:** 4 aulas
- **Total:** 72 aulas = 60 h

Créditos: 4

Ementa: O Rio Grande do Sul e suas paisagens. Incorporação do território ao sistema colonial. Formação e consolidação do espaço da economia agrário-exportadora. Processo de formação do espaço urbano-industrial. A construção e a manutenção das diversas territorialidades no RS: os quilombolas e os indígenas.

Fonte: Sistema de Informações Acadêmicas.

A disciplina de Geografia Cultural não possui plano de ensino disponível, abaixo detalhes do componente curricular, quadro 05.

Quadro 05 - Componente Curricular Geografia Cultural

Unidade Acadêmica: ICHI-ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Código: 10666
Nome Completo: Geografia Cultural
Duração: Semestral
Disciplina (s) Equivalente (s):

- 05157 - CRIT. PRESSUPOSTOS GEOGRAF.

Carga Horária:

- **Semanal:** 4 aulas
- **Total:** 72 aulas = 60 h

Créditos: 4

Ementa: Identidades culturais; paisagens culturais; culturas e territórios; culturas e espaços geográficos; relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira e indígena.

Fonte: Sistema de Informações Acadêmicas.

Disciplina de Geografia da População possui plano de ensino conforme (Anexo 02) e (Anexo 03), abaixo detalhes do componente curricular, quadro 06.

Quadro 06 - Componente Curricular Geografia da População

Unidade Acadêmica: ICHI-ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Código: 10655
Nome Completo: Geografia da População
Duração: Semestral
Disciplina (s) Equivalente (s):

- 05064 - GEOGRAFIA DA POPULACAO

Pré-Requisito (s):

- **Disciplina:** 11162 - Geologia Geral
- **Disciplina:** 11163 - Meteorologia e Climatologia

Carga Horária:

- **Semanal:** 4 aulas

- **Total:** 72 aulas = 60 h

Créditos: 4

Ementa: Concepções sobre população. Teoria de Malthus. Marx e a população. Malthusianismo e neomalthusianismo contemporâneo. Dinâmica populacional. Mortalidade. Natalidade. Fecundidade. Migração. Análise histórica dos deslocamentos populacionais. Raças, miscigenações e etnias. Políticas populacionais. Processos determinantes da espacialização da população. Influência da Demografia na análise geográfica da população.

Fonte: Sistema de Informações Acadêmicas.

A disciplina de Geografia e Gênero possui plano de ensino conforme (Anexo 04), abaixo detalhes do componente curricular, quadro 07.

Quadro 07 - Componente Curricular Geografia e Gênero

Unidade Acadêmica: ICHI-ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Código: 05182
Nome Completo: GEOGRAFIA E GENERO
Duração: Semestral
Carga Horária:

- **Semanal:** 4 aulas
- **Total:** 72 aulas = 60 h

Créditos: 4

Ementa: Análise das relações de gênero como fator social que acarreta transformações sócio-espaciais.

Fonte: Sistema de Informações Acadêmicas.

É importante fazer o movimento de trazer os recortes de todos os componentes curriculares das disciplinas com previsão de discussões das questões de gênero porque no PPP do curso fala que no QSL essas questões serão aprofundadas de maneira interseccional, mas na leitura de todas as ementas não encontrei um referencial teórico que aprofunde essas leituras com exceção da disciplina de Geografia e Gênero, criada em 2004, que se propõe a analisar as relações de gênero na ementa e no seu plano de ensino. O que acaba não efetivando o aprofundamento dos estudos das questões de gênero, pois o espaço de tempo

entre uma oferta e outra, que é muito grande, sua última oferta foi no ano de 2009, antes foi ofertada no mesmo ano de sua criação em 2004 e agora no segundo semestre de 2017.

Espaço de tempo longo para a urgência que essas questões ganharam na nossa sociedade, colaborando para o silenciamento dessa temática por um tempo no curso, levando em consideração ser a única disciplina que documenta essas discussões. Para Louro "através de um aprendizado eficaz, continuado e sutil, a instituição imprime um ritmo, uma disposição física, uma postura nos sujeitos." (LOURO, 1999, p. 87). Por esse motivo é preocupante a disciplina de Geografia e Gênero ficar tanto tempo sem oferta, causa essa impressão de silenciamento.

Segundo Éderson Cruz (2015, p. 43) [...] o currículo ensina, ainda que não enfatize algo. Quando não se fala sobre temas como gênero, sexualidade, etnia, dentre outros, também se ensina sobre esses elementos, pois se atribui a eles lugares, seja dentro ou fora das "célebres" sequências curriculares". Ainda segundo Cruz é uma questão política e pedagógica, posicionar-se e tensionar os modos como gênero constitui e atravessa o currículo, evidenciando as relações de poder envolvidas e que sustentam as tramas do currículo. (CRUZ, 2015).

O currículo nos constitui enquanto docentes, a nossa construção enquanto professor e professora é parte dessas relações de gênero e como vamos lidar com elas na nossa vida profissional também faz parte de toda essa construção. Sendo assim é importante destacar as lutas para que as diferenças não sirvam de pretexto para práticas abusivas de poder e sejam transformadas em desigualdades. (CRUZ, 2015).

> Especialmente na escola e na universidade, antes de falar em "respeito às diferenças", valeria mais questionar processos curriculares (em sentido amplo) por meio dos quais elas são produzidas, nomeadas, (des)valorizadas. Não basta denunciar o preconceito e apregoar maior liberdade: é preciso desestabilizar processos de normalização e marginalização. (JUNQUEIRA, 2014, p. 170).

É a partir da perspectiva que nos fala Junqueira que precisamos pensar como o currículo do curso vem marcando a presença das questões de gênero. No currículo do curso de Geografia Licenciatura essa presença é pontual e não é aprofundado o debate através dos outros documentos apresentados. Sendo assim, as palavras de Veiga são uma direção para colocar esse currículo em movimento "Neste sentido é que se deve considerar o projeto político-pedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da

escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade[...]" (VEIGA, 1995, p. 13).

A maior parte das disciplinas da licenciatura são em comum com o bacharelado o que promove uma aproximação das duas áreas de formação, tornando necessária uma grade curricular que atenda as demandas das duas formações e tornando mais complexa essa relação currículo/escola. A licenciatura conta ainda com disciplinas do Instituto de Educação específicas para a formação de professores/as sendo algumas delas didática, libras, políticas públicas entre outras. Considero importante salientar as disciplinas em conjunto com o bacharelado e as disciplinas ofertados por outro instituto para pensarmos o quanto se torna complexa nossa formação e tornando necessário esforço redobrado para que nosso PPP faça todas as conexões necessárias, para Veiga (1995, p. 23) "É necessário decidir, coletivamente, o que se quer reforçar dentro da escola e como detalhar as finalidades para se atingir a almejada cidadania" (VEIGA, 1995, p. 23).

5.2 Análise do questionário: olhares dos alunos/as do curso sobre as questões de gênero no currículo

O questionário foi disponibilizado no google forms e publicado na página do Centro Acadêmico da Geografia - CAGEO, bem como, enviado por e-mail para os/as acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia (Apêndice A). O questionário apresentava questões que versavam sobre os Estudos de Gênero no currículo do curso, buscando identificar a presença ou não dessas temáticas a partir da leitura dos alunos/as.

O mesmo ficou disponível para que os/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura respondessem as perguntas do dia 01/09/2017 ao dia 01/10/2017.

Foram respondidos 36 questionários. Abaixo apresento as informações relativas aos dados. A idade dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura que responderam o questionário varia bastante, dos 18 aos 63 anos assim como o semestre que estão cursando, obtivemos respostas do segundo semestre até formandos/as o que possibilita respostas bem diversas.

O gráfico abaixo referente a identificação por raça, mostra uma maioria de alunos/as do curso de Geografia Licenciatura brancos/as e apenas 8,3% do total pretos/as, gráfico 01.

Gráfico 01: Qual a cor ou a raça que você identifica como a sua?

Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

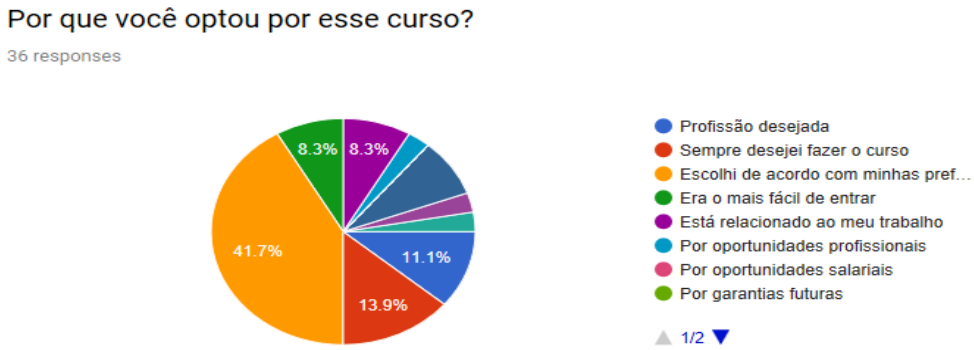
Mesmo se tratando de uma Universidade Federal com muitos alunos/as advindos de escolas públicas, uma maioria de 63.9% não são cotistas, como podemos verificar no gráfico abaixo 02.

Gráfico 02: Você ingressou na universidade pelo sistema de cotas?

Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

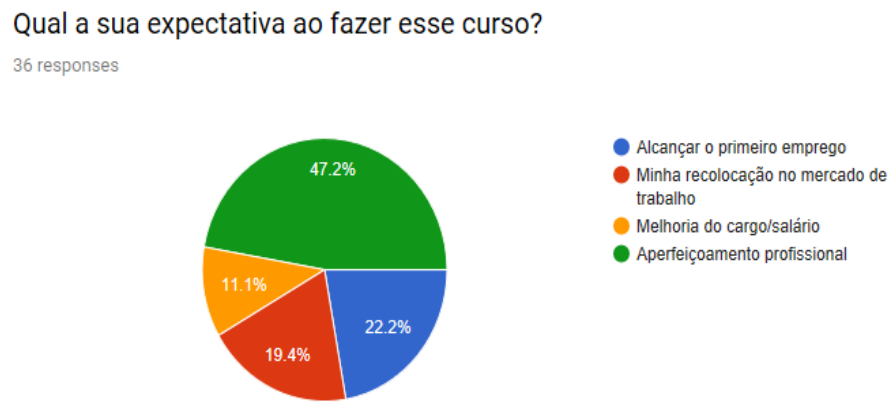
Referente a opção pelo curso 41.7% escolheu cursar Geografia Licenciatura de acordo com preferências pessoais o que reflete em uma maioria de 47.2% procurando aperfeiçoamento profissional como podemos verificar nos próximos dois gráficos, respectivamente gráficos 03 e 04.

Gráfico 03: Por que você optou por esse curso?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

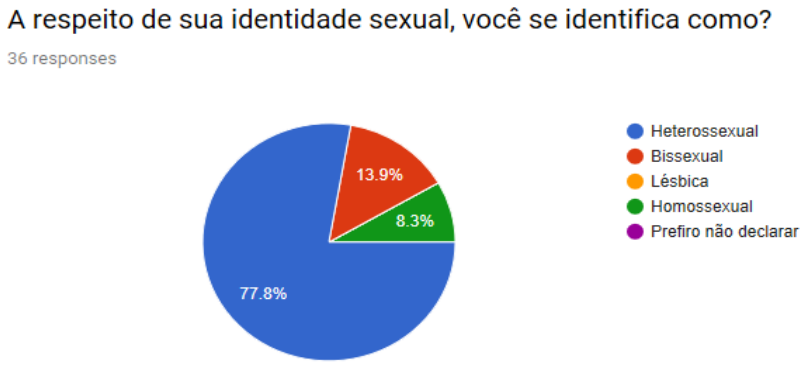
Gráfico 04: Qual a sua expectativa ao fazer esse curso?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

A maioria dos/as respondentes se identifica como heterossexual um total de 77.8%, 13.9% bissexual e apenas 8.3% como homossexual como mostra o gráfico 05.

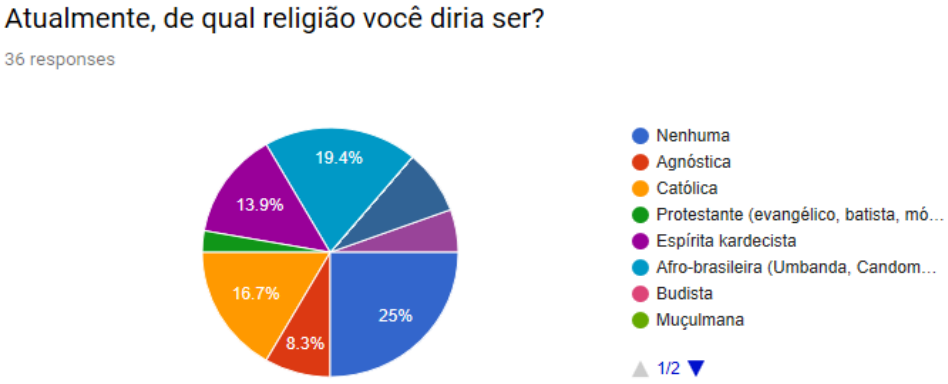
Gráfico 05: A respeito de sua identidade sexual você se identifica como?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

Com relação a religião um total de 25% não possui, 19.4% possui crenças ligadas as religiões afro-brasileiras, 16.7% católicos/as e 13,9% se identificam como espírita kardecista o que nos mostra uma diversidade de crenças conforme gráfico 06.

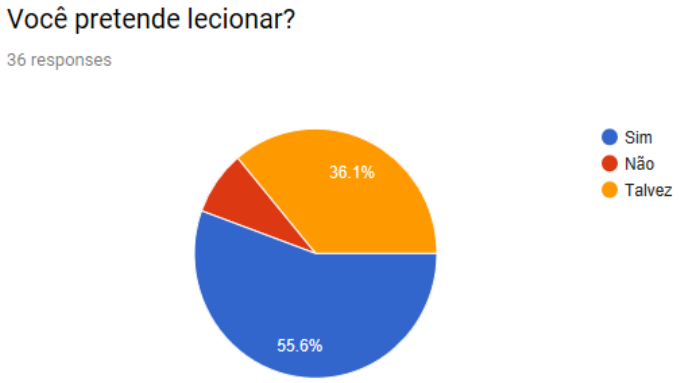
Gráfico 06: Atualmente, de que religião você diria ser?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

A maioria dos/as alunos/as pretende lecionar um total de 55.6% como podemos verificar no gráfico abaixo, mostrando uma tendência a seguir na profissão escolhida para a graduação, gráfico 07,

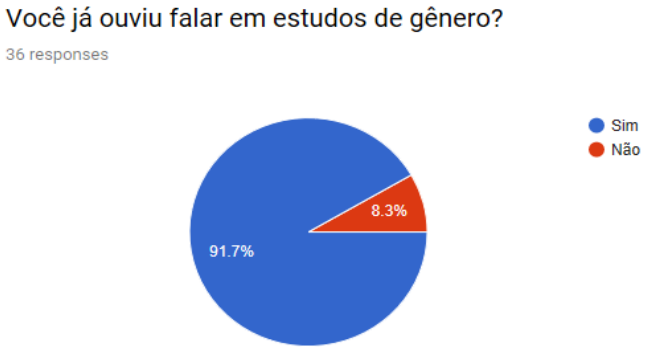
Gráfico 07: Você pretende lecionar?



Fonte: Questionário google forms , autoria própria.

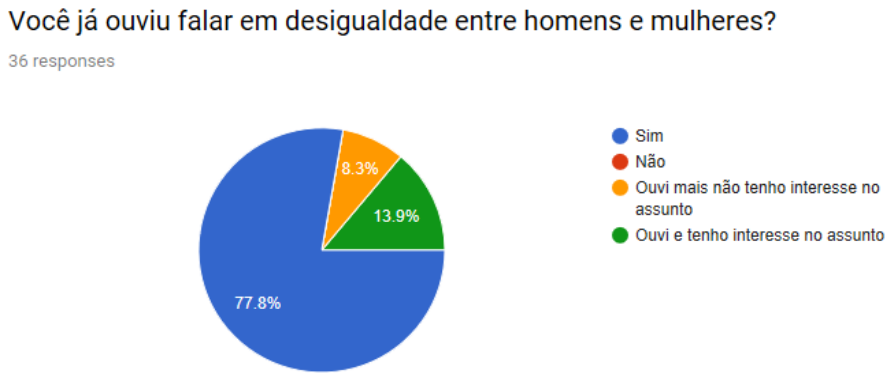
Em relação a questão de gênero 91.7% dos/das alunos/as já ouviu falar e apenas 8.3% não, assim como quando perguntado sobre desigualdade entre homens e mulheres, a porcentagem mostra elevado percentual de alunos/as que já ouviu falar, marcando a importância desses estudos para nossa formação. Porcentagens retiradas dos próximos dois gráficos abaixo, gráficos 08 e 09.

Gráfico 08: Você já ouviu falar em estudos de gênero?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

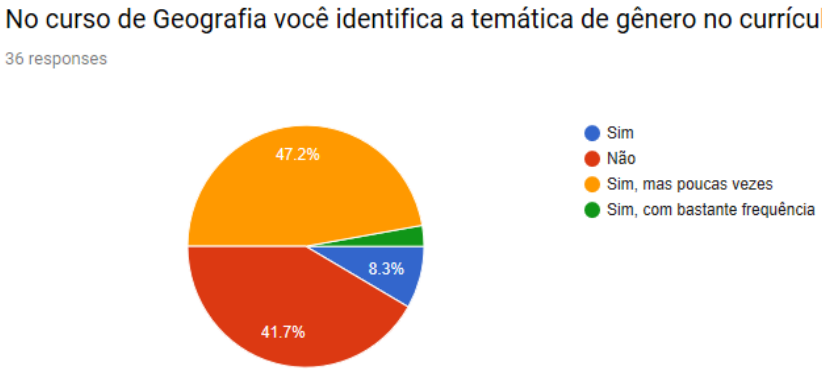
Gráfico 09: Você já ouviu falar em desigualdade entre homens e mulheres?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

No currículo do curso as temáticas de gênero são identificadas poucas vezes por alguns alunos/as segundo a maioria das respostas, totalizando 47.2% e 41.7% não identificam essas temáticos no currículo, como nos mostra o gráfico 10.

Gráfico 10: No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

Pergunta dissertativa: No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo? Se a resposta for afirmativa em que momentos e espaços?

Quadro 08: Respostas da pergunta - No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo? Se a resposta for afirmativa em que momentos e espaços?

No estudo de População relativo ao trabalho.
Geografia Cultural
No currículo obrigatório não é mencionado com frequência.
Um pouco de geografia da população e na disciplina de geografia e gênero, porém, é optativa.
não.
Só em uma disciplina eletiva
Foi ofertada, depois de muitos anos que foi pedida, a disciplina de geografia e gênero. Foi ofertada pela demanda grande, no entanto vejo poucas pessoas nas aulas
Só na disciplina.
principalmente nos coletivos sobre o assunto.
Sou acadêmica formada em geografia bacharelado e atualmente faço licenciatura, sinta que o curso é falho nesta área, não tendo nenhuma cadeira obrigatória voltada para está temática.
Em debates nas aulas de Geografia politica.
Poucas vezes.
Geografia e gênero
Na cadeira Geografia e Gênero e em palestras sobre Geografia Feminista.
As vezes, nova gestão do cageo tem promovido, algumas profa falam da questão
sim, acho que a temática sobre o assunto pode ser introduzida em diversos momentos e espaços, em sala de aula com professores que demonstrem interesse sobre, ou até mesmo, em outros lugares dentro ou fora da universidade com atividades direcionadas as pessoas que possuem interesse nos respectivos assuntos que abrangem a geografia e gênero.
até agora o assunto foi tomado só como exemplo em algum contexto em sala de aula
não
Em discursos sobre o mercado de trabalho.
vi que na grade curricular tem uma disciplina optativa e vejo alguns colegas debaterem sobre o assunto
Não.
Não identifico, a não ser pela, militância isolada
Sim, mas pouquissimas vezes, apenas em discussões emergentes pontuais e durante uma disciplina cursada no mestrado de título "As relações de trabalho e Gênero"

Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

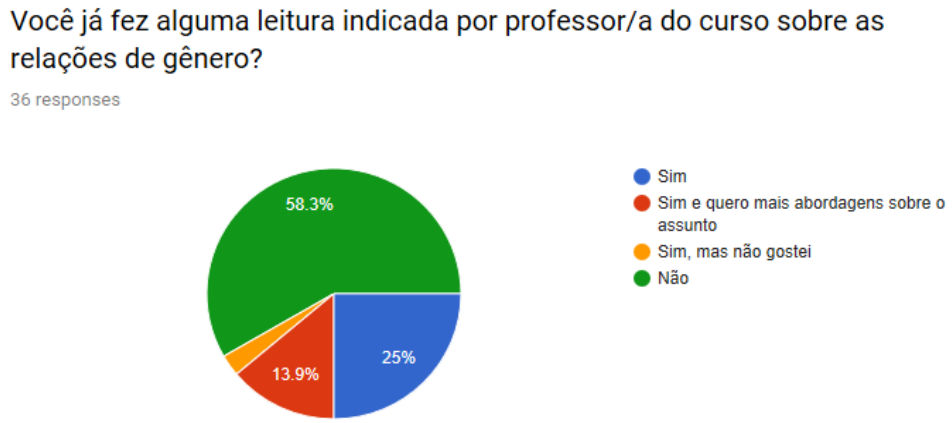
Como podemos verificar no quadro de respostas acima as temáticas relacionadas a gênero são identificadas pelos alunos/as algumas vezes em situações esporádicas sem nenhum aprofundamento teórico e através de debates que possibilitem uma maior reflexão acerca dessas temáticas, é importante destacar aqui o que nos diz Cruz (2015, p. 37)

> Problematizar essa relação entre gênero e currículo, na formação inicial de docentes, significa, ao meu ver, compreender os modos como gênero opera nesses currículos, tensionar os modos pelos quais ele está implicado com formas de hierarquização, seleção, separação, enfim... investigar sobre a relação entre gênero e currículo torna-se potente na medida em que esse exercício se torna válido a evidenciar pontos que merecem atenção na formação de professores e professoras.

Como colocado por Cruz (2015) é importante evidenciar, quais pontos merecem atenção nessa relação currículo e gênero para a formação de professores/as, se é uma demanda, se os alunos/as têm interesse, e se muitos desconhecem conceitos e como trabalhar essas questões na escola, precisamos de alguma maneira reivindicar uma formação voltada para a escola em relação a essas temáticas que nos possibilite mais segurança e caminhos metodológicos variados para trabalhar as temáticas de gênero.

Quando perguntado sobre indicação de leituras sobre as relações de gênero por professores/as do curso as respostas negativas sobem para um total de 58.3% e apenas 25% responderam que sim, fizeram leituras relacionadas as questões de gênero, e somente 2,8% fizeram e não gostaram. Gráfico 11.

Gráfico 11: Você já fez alguma leitura indicada por professor/a do curso sobre as relações de gênero?

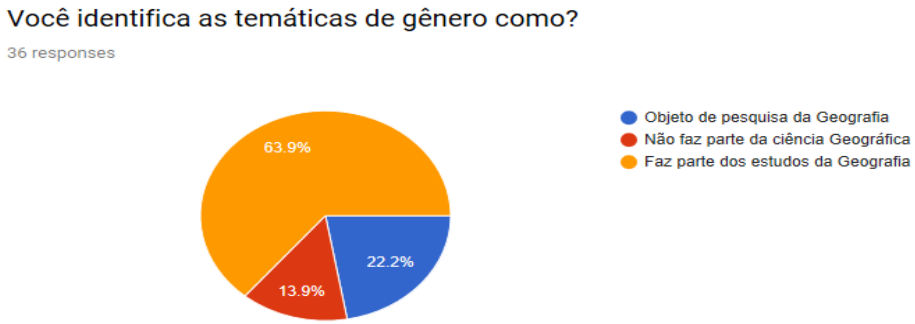


Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

O gráfico abaixo mostra que 63.9% identificam as temáticas de gênero como parte dos estudos da Geografia enquanto 22.2% como objeto de pesquisa e 13.9% não reconhecem como parte da ciência Geográfica negando a importância das pesquisas geográficas que

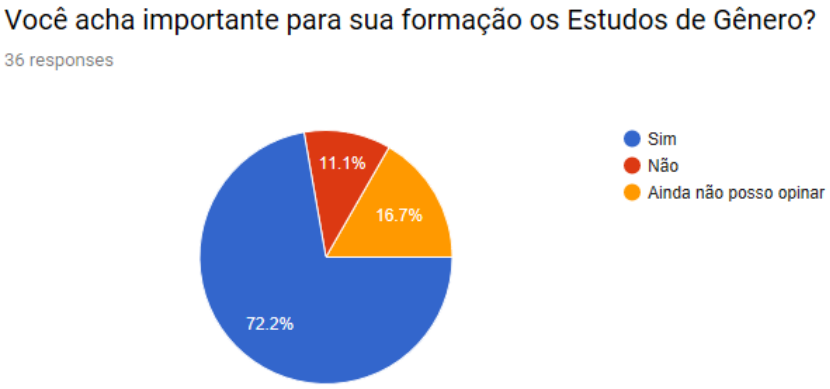
utilizam gênero como objeto de pesquisa, mas quando perguntado sobre a importância dos estudos de gênero para a formação acadêmica 72.2% reconhecem ser importante, 16.7% não tem opinião formada e apenas 11.1% não reconhecem a importância dos estudos de gênero. Gráficos 12 e 13.

Gráfico 12: Você identifica as temáticas de gênero como?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

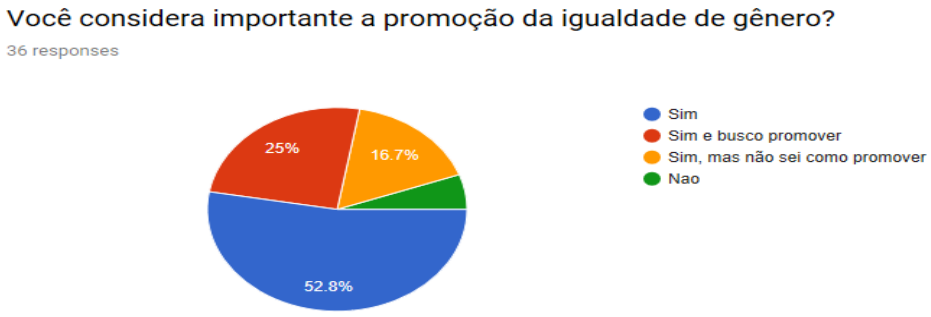
Gráfico 13: Você acha importante para sua formação os Estudos de Gênero?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

O que mostra a importância dos estudos de gênero e o seu reconhecimento enquanto necessário pelos/as estudantes do curso de Geografia é o total de 94.5% dos/as alunos/as considerarem importante a promoção da igualdade de gênero. Gráfico 14.

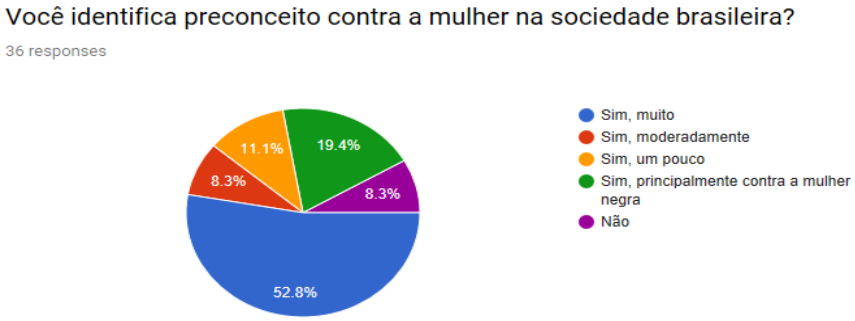
Gráfico 14: Você considera importante a promoção da igualdade de gênero?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

Os/as estudantes reconhecem que na nossa sociedade existe preconceito contra a mulher totalizado 52,8%, 19,4% além de reconhecerem o preconceito contra a mulher destacam a mulher negra como principal alvo desse preconceito. Gráfico 15.

Gráfico 15: Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

Pergunta dissertativa: Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

Quadro 09: Respostas da pergunta - Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

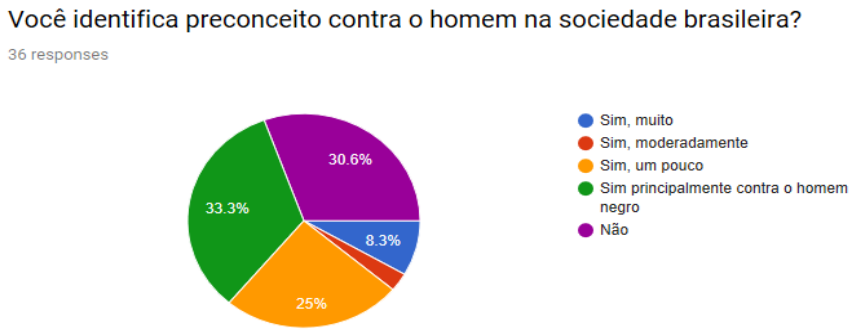
Discriminação de salários, Machismo
Heteronormatividade, pratriarcalismo, diferença salarial, divisão sexual do trabalho, entre outras.
Machismo
Mercado de trabalho
Machismo, racismo.
No mercado de trabalho; nas universidades , especialmente quando tem filhos pequenos. Alguns professores sentem-se desconfortáveis quando as mães trazem os filhos; em um debate.
A mulher brasileira é uma das que mais tem liberdade no mundo.
Preconceitos de classe e racismo. associando as mulheres a falta de capacidade e também associando mulheres negras aos trabalhos que são considerados inferiores, por ex: ser empregada.
Quando desqualifica o que ela falou. Quando paga salários baixos por serviços pesados, como ocorre com mulheres pobres, por exemplo. Quando a justiça falha em não condenar culpados por estupros, agressões, e as vezes até morte.
Principalmente no Emprego

na distribuição de funções e cargos de trabalho.
Um deles é trabalho e remuneração baixa
Inúmeros. Atitudes agressivas tanto física quanto verbal, exclusão, desprezo etc.
Em assédio. Desvalorização profissional com salários inferiores aos masculinos. Padrões de beleza inatingíveis, colocando a beleza comum às mulheres como algo insuficiente. Até mesmo a própria visão que se tem da mulher como um "pecado", o sexo como um pecado. Desde a origem das primeiras civilizações, estes preconceitos vem sido fundamentados pela sociedade patriarcal que coloca a mulher como submissa e inferior, atribuindo o trabalho do lar e o cuidado dos filhos. Isso se repete até hoje e de forma descarada. A mulher não pode sair com mais de 1 por noite. A mulher recebe utensílios domésticos de presente de aniversário. Entre tantas outras coisas.
Sim, os tipos de preconceito são vários, como: "você é mulher deve apenas cuidar da casa", "ta estudando porque vai cuidar da casa e dos filhos".
Atualmente a mulher está vencendo maior obstáculos dos preconceitos e isso vem de muito trabalho..
Desigualdade salarial e de comportamentos em público.
Tarefas de casa, diferença salarial, etc
São muitos, principalmente a mulher negra, sofre muito mais preconceito.
Salários menor que o dos homens em determinadas empresas.
Salário, falta de respeito na fala (mansplaining).
bom, vejo que vivemos em uma sociedade, onde muitas pessoas, até mesmo os meios de comunicação, expressam atitudes, mentalidades machistas, homofóbicas que são aceitas como algo normal, para a maior parte das pessoas que pouco se importam, vejo que o conservadorismo em relação a esses preconceitos induz muitas pessoas a agirem de forma discriminatória, não respeitando as diferenças existentes entre seus semelhantes, tratando a mulher apenas como objetos sexuais, por exemplo, você já viu alguma propaganda de cerveja onde a mulher não esteja com um biquíni expondo seu corpo de forma sensual, não que eu ache isso ruim, mas na realidade é uma objetificação da mulher, você já viu uma gordinha fazendo esse tipo de propaganda? assim como todas as piadas que constantemente aparecem em programas humorísticos de radio e televisão em relação a homossexuais, então vejo que esse tipo de mentalidade machista, sexista e preconceituosa é algo muito presente na nossa cultura de massa.
Sim, no trabalho e na fragilidade de seu dia dia.
menos direitos, salários menores, abuso sexual, abuso moral,
preconceitos pela capacidade física e intelectual das mulheres
não
Em relação ao mercado de trabalho, salários e principalmente em relação à sua condição sócio/econômica.
Relação profissional, em ambientes coletivos e assédios
a mulher já conquistou um grande espaço na sociedade mas ainda existe preconceito contra a mulher quanto a liberdade de escolhas, o modo de vida, quanto a ser independente
Sim. Vestuário.
salarial
Sim, disparidade salarial, cultura do estupro, diferenças entre oportunidades profissionais e outa infinidade de aspectos
Racial intelectual
mercado de trabalho

Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

O quadro 09 de respostas acima mostra uma visão bem específica dos preconceitos que nós mulheres sofremos na sociedade, podemos verificar que muitos/as alunos/as trazem a questão do trabalho nas suas respostas, questão salarial e outros preconceitos variados, a mulher ainda enfrenta jornadas duplas e triplas de trabalho sendo menos valorizada que os homens, muitas vezes pelo simples fato de engravidar e ter direito a licença maternidade, essa relação é muito falada até mesmo pela mídia, sendo pauta importante para a igualdade de gênero e muito lembrada pelos/as alunos/as do curso em suas respostas.

Gráfico 16: Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

O gráfico acima nos mostra a identificação do preconceito contra o homem, com elevada porcentagem para não identificação e também com relação ao preconceito contra o homem negro marcador forte na nossa sociedade, preconceito racial.

Pergunta dissertativa: Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

Quadro 10: Respostas da pergunta - Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

Discriminação também quanto a salario.
Se considerar a orientação sexual, homofobia
Racismo
Homem que não seja heterossexual, homens negros, pobres
Racismo. Mas de uma forma geral, não existe algo fazendo o oposto do machismo.
não
Racismo e preconceito de classe.
Preconceito com homens afeminados, é o mais comum, no meu ponto de vista.
Não vejo tanto.
percebo preconceito ,muitas vezes por não ser militante da discussão de gênero.
As vezes não é valorizado na sua função profissional
exclusão e desprezo
Vejo preconceito contra homens trabalhadores referentes a "classe operária" que muitas vezes são confundidos com bandidos
Não muito
Nao
Principalmente racismo
Com o homem negro, que infelizmente ainda sofre muito na nossa sociedade.
O machismo oprime o próprio opressor, homens homossexuais, negros, as crianças...
bom, assim como o machismo existe o femismo que também se manifesta, não de forma tão frequente e intensa quanto o machismo, mas acontece também em algumas ocasiões ou determinados lugares.
Preconceito de cor, principalmente.
Homens negors e gays/bi
não sei expressar ao certo, mas vejo muito radicalismo de algumas vertentes do feminismo. Não seria um preconceito em si, mais por uma negação de dialogo, atos de repudio ao ser masculino. sou contra extremistas.

A sociedade brasileira é hipócrita em sua essência, o preconceito decorre principalmente em função da condição sócio/econômica, onde o ter prepondera sobre o ser. Uma sociedade formada por castas e redutos feudais a descendência familiar também é fator importante. É comum se usar o termo "este ou aquela pessoa veio de um bom berço".
Relação de classe social, cotas e no mercado de trabalho
acho que a maioria dos homens por serem maxistas são os mais preconceituosos, não acho que eles sofram grande preconceito
Sim. Idade
ser heterosexual
Emerge junto aos movimentos feministas um radicalismo também denominado de femismo, e em casos muito pontuais um discurso de ódio peo simples fato de ser homem, ressalto que são casos muito pontuais
Racial intelectual
carga horaria diferente, se comparado ao sexo feminino

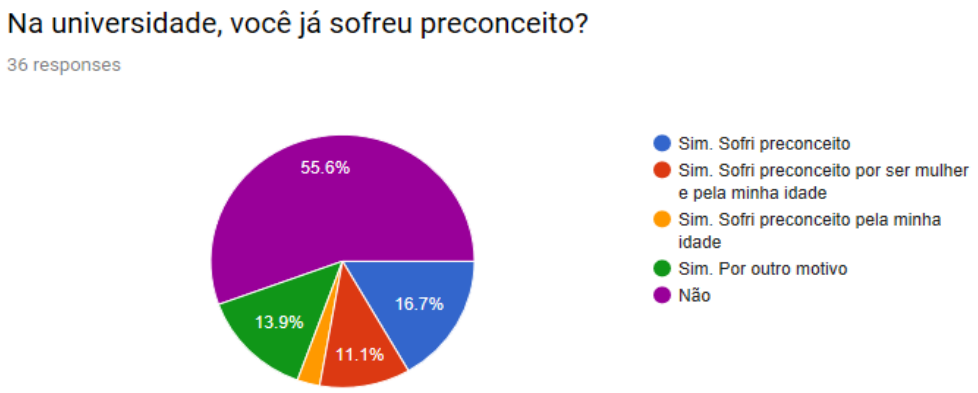
Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

O quadro 10 acima com as respostas sobre preconceito relacionado aos homens na sociedade apresenta muitas repostas se referindo ao preconceito de raça, quanto a identidade sexual e algumas respostas trazem a questão do feminismo como uma forma de preconceito contra o homem, mas nada comparado ao machismo como colocado nas respostas.

Comparando as respostas dos dois quadros 09 e 10 os/as alunos/as reconhecem maior diversidade de preconceitos contra a mulher do que contra o homem e aparece muito mais no quadro dos homens a questão da sexualidade, o que confirma um preconceito maior em relação a sexualidade do que de gênero quando o assunto são homens.

A maioria de 55.6% respondeu que não sofreram preconceito na universidade, mas o preocupante é que os/as outros/as 44.4% já sofreram algum tipo de preconceito. Gráfico 17.

Gráfico 17: Na universidade, você já sofreu preconceito?



Fonte: Questionário google forms, autoria própria.

5.3 Grupo Focal

A partir de uma oficina ministrada na semana acadêmica do curso de Geografia foi feito contato com alguns/algumas estudantes da licenciatura em Geografia que se disponibilizaram a participar do grupo focal, e que mostram interesse nos estudos de gênero formando assim o grupo.

O encontro aconteceu na Universidade Federal do Rio Grande na sala do centro acadêmico da Geografia – CAGEO, no dia 27/10/2017, das 16h às 19h, contou com a participação de 7 alunos/as do curso de Geografia Licenciatura que concordaram através de termo de consentimento livre esclarecido (Apêndice B) terem suas falas gravadas com aparelho celular e posteriormente transcritas na pesquisa.

No encontro do grupo focal analisamos o PPP do curso e QSL, para aprofundamento de algumas questões ligadas aos estudos de gênero na nossa formação, procurando responder se nossa formação está nos preparando em relação as questões de gênero, se o que está posto no nosso currículo vem suprindo essa demanda.

Foi de extrema importância o grupo focal para entender melhor o que os/as alunos/as estão vivenciando no curso em relação a gênero e também a sexualidade que acabou permeando as discussões. Abaixo os quadros com as falas dos/as alunos/as proferidas durante o grupo focal e transcrevidas na pesquisa.

Começamos o grupo conversando sobre o que é currículo, depois passamos para gênero e PPP. Após, o aluno 1 fez a fala transcrita no quadro 11.

Quadro 11: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 1: Bom, na minha formação, até agora, assim... dentro da Geografia, o que a gente vê é uma formação para pessoas que já são resolvidas digamos assim, a gente fala muito de... a gente fala muito de sexualidade, a gente fala, a gente fala dos novos arranjos familiares por exemplo, em geografia da população até agora foi o único momento das disciplinas exclusivas da Geografia que eu vi falar de gênero. E fala mais no sentindo dos novos arranjos familiares, e pra mim, que cresci, em uma sociedade preconceituosa, pra mim já não faz tanta diferença por que hoje em dia eu já me aceito, eu já sei quem eu sou... já sei o meu papel no mundo e já tenho a minha mentalidade formada em relação a questão de sexualidade... só que.. se a gente pensar em uma formação própria pra preparar a sociedade para esses novos arranjos, a gente também poderia pensar uma formação que prepare dês da infância na discussão de gênero né... por que bom, agora é fácil pra mim aceita a condição de homossexual e aceitar esses novos arranjos familiares por que já passei por todo o processo de preconceito, mas na infância quando eu realmente precisava daquele conteúdo ali sendo trabalhado, eu não tive, aí passei por preconceito, passei por *bullying*, passei por uma série de fatores , que talvez, se meus professores tivessem uma formação que a gente não tem nem hoje dentro da Geografia, talvez não teria acontecido dessa forma é isso que eu enxergo hoje em dia, a discussão de gênero e a discussão de sexualidade dentro da Geografia, ela tá em um outro patamar, ela não tá... digamos assim, ela não tá voltada para onde deveria estar, que é os estereótipos de gênero já na infância né, desde dentro da escola mesmo...

Grupo Focal, 27/10/2017.

O aluno 1 deixa claro em sua fala que sofreu preconceito na escola e coloca em xeque a formação dos/as professores/as, que segundo ele não estão sendo preparados para enfrentar essas discriminações e preconceitos e que acabam muitas vezes não tomando atitude em relação a essas situações, o aluno reconhece sua identidade sexual como homossexual e suas vivências escolares bem marcadas pelo preconceito e discriminação, ele levanta também a questão central para esse estudo a formação no curso de geografia que segundo ele ainda não tem uma formação voltada para as questões de gênero e sexualidade o que poderia desconstruir muitos desses preconceitos e evitar até mesmo a saída de alunos/as das escolas por causa da exclusão constante, por conta de sua identidade de gênero ou sexual.

No próximo quadro enumerado como 12, a aluna 2 da continuidade na discussão exemplificando que nas disciplinas da licenciatura a temática de gênero está presente, mesmo que poucas vezes.

Quadro 12: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 2: Nas disciplinas da licenciatura até acontece um pouco... quando eu tive a disciplina de Sociologia da Educação trazia, tava na ementa lá, uma parte que em seminário de estudos tinha um texto lá que falava sobre gênero na educação, sobre feminismo, sobre racismo, mas foram poucas assim, que eu posso dizer que foi algo pensando assim, que não foi algo que surgiu assim do nada, foi em Sociologia da Educação, em Geografia da População que a professora tenha tocado um pouco e em Geografia e Gênero assim, de resto acho que nenhuma outra disciplina abarca isso, a não ser que surjam debates é claro...

Grupo Focal, 27/10/2017.

É importante destacar aqui, que em algumas disciplinas os/as alunos/as reconhecem que acontecem essas discussões, mas acreditamos que ainda não é o ideal, precisamos de mais espaços, ou melhor de mais tempo para aprofundarmos esses estudos para nos sentirmos mais preparados para quando estivermos na escola, por que sabemos, que os desafios serão muitos e que essa diversidade de sujeitos tem que ter representatividade, tem que ter espaço de fala, existe e vem tentando resistir. Mesmo que as disciplinas não abarquem essas questões no seu planejamento como colocado pela a aluna, elas emergem em debates, porque a uma necessidade, uma demanda dos/as alunos/as para discutir essas temáticas.

Dando continuidade nas discussões tentamos pensar maneiras da temática de gênero estar mais presente no nosso currículo e que não apareça apenas em poucos momentos, com possibilidades de leituras, de aprofundar os estudos de gênero na nossa formação. Então a aluna 3 problematiza na fala a seguir sua preocupação com a formação dos/as nossos/as professores/as do curso, pensando se eles/as estão tendo formação nessas temáticas tidas como interseccionais no nosso PPP.

Quadro 13: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 3: Penso também que os professores que teoricamente deveriam, por exemplo tá no PPP né que esses assuntos seriam de forma interseccional sei lá... que as questões de gênero, sexualidade, racismo, seriam trabalhadas em tais e tais disciplinas, mas esses professores não tem formação para isso, os professores estão formados a quanto tempo sabe... a FURG eu acredito que ela tem um papel de fazer a formação continuada dos professores do ensino superior, e eu não sei até que ponto se tem esse trabalho, acredito que

muito restrito ao Instituto de Educação ainda e eu acho que os professores da FURG fazem formação na sua própria área, assim e se tivesse que ser obrigados a fazer formação especificas nessas disciplinas que diz lá no PPP que deveria trabalhar sobre gênero, sexualidade, racismo, etc... Poderia gerar uma série de conflitos tipo... até que ponto esses professores estão abertos a fazer isso, quais são os nossos professores da Geografia, como que a gente vai lidar com isso, quando discutimos a lei 10639 que torna obrigatória a educação da cultura afro-brasileira, tem que ter, mas os professores não têm formação para isso... aí acaba chegando em um limite.

Grupo Focal, 27/10/2017.

Na fala acima é problematizada a formação do/da próprio/a professor/a da Universidade, que segundo a aluna gera dúvidas sobre como nossos/as professores/a estão se preparando para trabalhar essas temáticas consideradas interseccionais e que estão presentes no nosso PPP inclusive com disciplinas apontadas como lugares para aprofundarmos essas temáticas. Ela entende que como falta um planejamento nas disciplinas dessas discussões uma provável solução seria uma formação continuada desses/as professores/as para nos dar um suporte teórico/metodológico apropriado especificamente para essas temáticas nos dando maior segurança na atuação na escola.

O aluno 4 levanta a questão do preconceito com a temática de gênero no curso de Geografia Licenciatura, expressa na fala abaixo, quadro 14.

Quadro 14: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 4: É, discussões de gênero a gente teve esse ano, não discussões, ouve brigas né, mais de duas, que eu me lembre, o pessoal acha assim, principalmente o pessoal mais... conservador, até... se exaltou um pouco né, disseram assim que hoje em dia tá na moda né...

Grupo Focal, 27/10/2017.

O que o aluno vem colocando sobre as discussões de gênero na Universidade no mínimo preocupa, porque ele aponta para uma intolerância em sala de aula com a temática de gênero. O fato acabou causando brigas, pelo menos duas vezes segundo ele, e a preocupação é principalmente em pensar que esses/as alunos/as que estão chamando os estudos de gênero de moda poderão daqui mais alguns anos estar em sala de aula na condição de professor/a, por esse motivo os debates a cerca das questões de gênero se tornam cada vez mais importantes para não excluirmos e nem silenciarmos sujeitos.

Continuamos as discussões tentando pensar ainda como enfrentar o preconceito dos/as colegas do curso acerca das temáticas de gênero, o aluno 5 em sua fala vai além, ele acredita que a mudança esteja já na nossa construção enquanto professor/a, quadro 15.

Quadro 15: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 5: Acho que tem que mudar a mentalidade das pessoas em torno do que é ser professor né, infelizmente tem muita gente que entra na Universidade e acha que ser professor é apenas dominar os conteúdos né... e cursar as disciplinas, mas é mais que isso né... [...]imagina falar de sexualidade, quando claramente se tem imposições sociais que são pautadas por uma série de questões morais e religiosas que são claras... como é que você discute? Mas apesar disso tudo que estamos falando aqui, esses movimentos de resistência e de tentar reverter essa lógica tem sim alguns frutos, tenho vivido isso com alguns colegas, alguns deles mais velhos que vieram de outra geração, que tiveram outra formação, alguns com princípios morais muito diferentes dos meus e... que... pelo fato de conviver, quase que... a força, meio que é... enfim, apesar da Universidade ser ainda um dos poucos pontos da sociedade plurais eles tem que conviver com isso, querendo ou não, eles passam por momentos que eles tem que tolerar a gente e depois de um momento alguns passam para fase de... entender e respeitar o outro... então eu vejo, claro que isso tá muito longe do ideal, mas acho que também temos que reconhecer esses pequenos progressos... [...]tenho muitos amigos aqui do curso que me dou super bem e todos eles me respeitam, embora eu seja gay.

Grupo Focal, 27/10/2017.

Na fala acima uma importante problematização acerca do que é ser professor/a, tudo o que constitui esse sujeito, ele traz a questão moral e religiosa, e se pergunta como falar de gênero e sexualidade com muitos impedimentos e barreiras, sabemos que é preciso enfrentar constantemente, sabemos o compromisso que temos, não podemos fugir a responsabilidade com a construção (desconstrução) da sociedade que está sempre em movimento, que não é fixa, um ponto preocupante, mas encarado como avanço pelo/a aluno/a é o respeito dos colegas que ele vem ganhando apesar de se sentir muitas vezes apenas tolerado por sua identidade sexual, chega a ser triste um ser humano se sentir tolerado pelo outro por causa de sua sexualidade uma coisa que deveria importar só para ele e para quem ele se relacionasse afetivamente. Demostra o quanto essas temáticas são necessárias na nossa formação, o quanto ainda os/as LGBT sofrem e precisam de espaço, apesar de o estudo não tratar da temática da sexualidade ela parece muitas vezes nas falas dos/as alunos/as pedindo espaço.

Na continuidade das discussões do grupo focal falamos ainda dos medos que estão presentes em relação a nossa atuação na escola, as preocupações com o combate ao preconceito as temáticas de gênero para uma sociedade melhor, no debate surge mais uma vez na fala da aluna 6 a preocupação com o preconceito dos professores/as de Geografia em relação aos estudos de gênero, quadro 16.

Quadro 16: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 6: Os professores não encaram essas discussões como ciência, eles não encaram essas discussões como... vamos estudar o que é o território, vamos estudar o que é relevo, vamos estudar...o processo de colonização da América e do Brasil, eles não encaram isso como... sabe... acham que... existe na Geografia um super preconceito com essa categoria gênero ainda...

Grupo Focal, 27/10/2017.

A fala da aluna nesse momento vem trazendo o que a professora Joseli Maria Silva descreve em seus textos, sobre a Geografia que marginaliza ainda os estudos de gênero que esses estudos são tidos como não importantes ou sem relevância, a aluna visualiza no curso um preconceito com a temática que para ela é evidente.

A fala da aluna 6 desperta a fala a seguir do aluno 7 que vem trazendo as barreiras enfrentadas pelos/as professores/as que querem desconstruir, problematizar os padrões sociais, quadro 17.

Quadro 17: Grupo Focal, falas dos/as alunos/as do curso de Geografia Licenciatura.

Aluno/a 7: E essa realidade só vai mudar... quando a gente conseguir explicar isso para as crianças, elas são o futuro, se isso não começar a ser desconstruído não vai mudar, e é o que vem cada vez mais se tentando proibir, no texto do Escola sem Partido, uma parte fica claro, proibir o... debate ou proibir promover a ideologia de gênero e até eles falam a teoria da ideologia de gênero...

Grupo Focal, 27/10/2017.

O que o aluno vem problematizando nessa fala é muito importante, essa relação do Escola sem Partido que coloca os estudos de gênero como uma ideologia e que cria uma lei para proibir essas discussões na escola tentando impedir que outras identidades sejam

reconhecidas. E que alunos/as não sofram com o preconceito que vem excluindo muitos/as da escola todos os dias.

Sabemos que os caminhos são muitos e muitas vezes de enfrentamento, mas estamos dispostos/as a encarar todas as barreiras e dar o nosso melhor, para uma educação que acolha mais e exclua menos.

Apesar de estarmos tratando de gênero no grupo focal as falas muitas vezes aparecem interseccionas por sexualidade, mostrando que essa também é uma demanda dos/as alunos/as, deixando clara a necessidade dessas temáticas e que devem estar cada vez mais presentes no currículo do curso em questão.

6 Considerações finais

Todas as análises feitas nesse estudo, sendo elas, dos documentos, do questionário e do grupo focal, tensionam a pensarmos os caminhos possíveis para os Estudos de Gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura.

Nos documentos do curso analisados, encontramos possibilidades dos Estudos de Gênero emergirem durante as aulas, o PPP pincipalmente vem trazendo uma proposta de trabalhar gênero interseccionalmente em algumas disciplinas. No QSL nas disciplinas obrigatórias não encontramos nenhuma menção a temática de gênero. Em apenas uma disciplina optativa se tem a garantia documental que as temáticas de gênero serão trabalhadas, entretanto, a demanda em relação as temáticas de gênero não vêm sendo supridas pela disciplina optativa por que ela estava a 7 anos sem ser ofertada acarretando uma carência para formação acadêmica de muitos/as alunos/as, levando em consideração a urgência mostrada nessa pesquisa em se debater sobre gênero no curso de Geografia Licenciatura.

A análise dos questionários e do grupo focal nos possibilitaram entender como essas discussões aparecem durantes as aulas, como colocado pelos/as alunos/as a tendência é essas questões surgirem das próprias necessidades dos/as alunos/as de debater a cerca desses temas e muitas vezes essas discussões se tornam difíceis por parte de alunos/as mais conservadores em relação a temática que desconhecem sua importância metodológica e seus conceitos.

Assim, destaco a importância das temáticas de gênero estarem mais presente no currículo do curso de Geografia Licenciatura não como uma imposição, mas sim como ponto importante para o entendimento dos Estudos de Gênero como objeto de pesquisa da ciência geográfica, uma forma dos/as alunos/as que desconhecem essa temática criarem

conhecimento e mais possibilidades de trabalhar com elas durante sua graduação e após em sala de aula, e também para aqueles alunos/as que não vão lecionar serve para vida de cada um, por que falar de igualdade e (des)construir padrões não é para um grupo apenas, mas para todos/as que acreditam em uma sociedade mais igualitária, com menos preconceito, menos exclusão e sofrimento.

Por mais que essas temáticas apareçam hora ou outra em sala de aula, elas precisão estar registradas nos documentos do curso, para uma melhor visibilidade e para uma identificação dos/as alunos/as das temáticas como objeto de pesquisa da Geografia e para desconstruirmos aos poucos esse preconceito com os Estudos de gênero que alguns alunos/as da Geografia ainda possuem. Só com trabalho constante em relação as temáticas de gênero o curso vai conseguir dar oportunidade aqueles/as alunos/as que tem interesse em pesquisar/trabalhar com as temáticas de gênero, bem como, efetivar um grupo de estudos como alguns alunos e algumas alunas demonstrando interesse em fazer ao longo desta pesquisa.

Ao final desta escrita cabe pensar o quanto foram importantes os caminhos percorridos até aqui, quantos debates, conversas, problematizações sobre os Estudos de Gênero foram sendo vivenciados, compartilhados, quantas desconstruções, quantos lugares essa temática foi percorrendo, é esperançoso de mais finalizar uma etapa sabendo que ela ainda vai proporcionar muitas reflexões e que em alguns lugares as discussões feitas nesse estudo ganharam espaços e promoveram mais desconstruções.

Referências

BRASIL. **Constituição, 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em: 25 de junho 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acessado em: 25 de junho 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 1, de 30 maio de 2012**. Disponível em https://prograd.ufg.br/up/90/o/rcp001_12.pdf. Acessado em: 25 de junho 2017b.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 junho de 2014**. Disponível em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html. Acessado em: 25 de junho 2017c.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 31 de maio. 2017d.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a sociedade brasileira contemporânea. In: TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Lígia Beatriz; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski (Orgs.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares** Porto Alegre: Medição, 2014. p. 77-98.

CRUZ, Éderson. Gênero e currículo: problematizando essa relação nos cursos de formação inicial de docentes/ Éderson da Cruz. – 2015. 133.: il.; 30cm. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas** / Bernadete Angelina Gatti. – Brasília : Liber Livro, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25 -52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. ”Olhos Azuis”: Muito Além da Cor dos Olhos e do Racismo. **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema** / Constantina Xavier Filha, organizadora. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. 319 p.; 21cm.

LOURO, Guacira Lopes. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero**.** In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 85-92.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 10.ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade*:* pedagogias contemporâneas**. Proposições, v. 19, n 2 (56) - maio/agosto. 2008.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Inclusões sociais no currículo da geografia: a produção acadêmica na área. In: TONINI, Ivaine Maria; GOULART, Lígia Beatriz; MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski (Orgs). **O ensino de geografia e suas composições curriculares** Porto Alegre: Medição, 2014. p. 199-214.

RIZZA, Juliana Lapa. **A sexualidade no cenário do ensino superior**: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras. 2015. 217 f. Tese, Educação Ambiental – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

REGGSAL. Rede de Estudos de Geografia – Gênero – Sexualidades da América Latina / Geography, Gender and Sexualities Studies Network of Latin America. Disponível em: https://sites.google.com/site/reggsal/quem-somos-who-we-are. Acessado em 27 junho 2017.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Mulheres, Gênero e Ciência: tecendo relações. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; TEIXEIRA, Filomena (Org.). **Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades**: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios... Rio Grande: Editora da FURG, 2016. p. 42-60.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Joseli Maria Silva (Org.). **Geografias Subversivas**: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 25-54.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria Silva (Org.). **Geografias Subversivas**: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 55-92.

SILVA, Tomaz Tadeu da**. O currículo como fetiche**: a poético e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120p.

SOIHET, Rachel. História das mulheres/história de gênero – um balanço. In: PONTUSCHKA Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**: ensino e pesquisa (Org.). São Paulo: Contexto, 2015. p. 35-44.

SÁ-SILVA, Jackson Roni; ALMEIDA, Cristóvão Domingues de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História e ciências sociais**. Ano I – Número I – Julho 2009. Disponível em: https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf Acessado em: 05/07/2017

STRAFORINI, Rafael. (Org.). Tonini, Ivaine Maria. Castrogiovanni, Antonio Carlos. Goulart, Ligia Beatriz. Kaercher, Nestor André. Martins, Rosa Elisabete Militz Wypyczynski. **O ensino de geografia e suas composições curriculares.**
Porto Alegre : Mediação, 2014.

VARELA, Cristina Monteggia; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Educação para a sexualidade a construção de um campo conceitual. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed da FURG, 2017. 284 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas, SP : Papirus, 1995. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Apêndices

Apêndice A – Questionário para os/as acadêmicos/as sobre as questões de gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
GEOGRAFIA LICENCIATURA

ÉVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUÊS
ORIENTADORA PAULA REGINA COSTA RIBEIRO
COORIENTADOR SOLISMAR FRAGA MARTINS

Prezados/as participantes, este questionário é parte integrante da pesquisa de TCC "Os Estudos de gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG", do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. As discussões aqui levantadas têm como objetivo identificar os estudos de gênero no currículo do curso em questão.
Sua participação é muito importante para essa pesquisa, agradeço a sua colaboração!
Qual sua idade?
Qual semestre da graduação você está?

1. Qual a cor ou a raça que você identifica como a sua?
( ) Branca
( ) Preta
( ) Parda
( ) Amarela
( ) Indígena

( ) Nenhuma das listadas acima

2. Você ingressou na universidade pelo sistema de cotas?
( ) Sim
( ) Não

3. Por que você optou por esse curso?
( ) Profissão desejada
( ) Sempre desejei fazer o curso
( ) Escolhi de acordo com minhas preferências pessoais
( ) Era o mais fácil de entrar
( ) Está relacionado ao meu trabalho
( ) Por oportunidades profissionais
( ) Por oportunidades salariais
( ) Por garantias futuras
( ) Por influência de amigos
( ) Escolhi o curso que me parece mais de acordo com minhas aptidões e capacidades
( ) Por influências de familiares
( ) Pela qualidade do curso oferecido

4. Qual a sua expectativa ao fazer esse curso?
( ) Alcançar o primeiro emprego
( ) Minha recolocação no mercado de trabalho
( ) Melhoria do cargo/salário
( ) Aperfeiçoamento

5. A respeito de sua identidade sexual, você se identifica como?
( ) Heterossexual
( ) Bissexual
( ) Lésbica
( ) Homossexual
( ) Prefiro não declarar

6. Atualmente, de qual religião você diria ser?
( ) Nenhuma
( ) Agnóstica
( ) Católica
( ) Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano, testemunha de Jeová ou outro)
( ) Espírita Kardecista
( ) Afro-brasileira (Umbanda, Candomblé)
( ) Budista
( ) Muçulmana
( ) Judaica

( ) Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião
( ) Prefiro não declarar

7. Você pretende lecionar?
( ) Sim
( ) Não

8. Você já ouviu falar em estudos de gênero?
( ) Sim
( ) Não

9. Você já ouviu falar em desigualdade entre homens e mulheres?
( ) Sim
( ) Ouvi mais não tenho interesse no assunto
( ) Ouvi e tenho interesse no assunto
( ) Não

10. No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo?
( ) Sim
( ) Sim, mas poucas vezes
( ) Sim, com bastante frequência
( ) Não

11. No curso de Geografia você identifica a temática de gênero no currículo? Se a resposta for afirmativa em que momentos e espaços?

12. Você já fez alguma leitura indicada por professor/a do curso sobre as relações de gênero?
( ) Sim
( ) Sim e quero mais abordagens sobre o assunto
( ) Sim, mas não gostei
( ) Não

13. Você identifica as temáticas de gênero como?
( ) Objeto de pesquisa da Geografia
( ) Faz parte dos estudos da Geografia, mas não me interessam
( ) Faz parte dos estudos da Geografia e tenho interesse
( ) Não faz parte da ciência Geográfica

14. Você acha importante para sua formação os Estudos de Gênero?
( ) Sim
( ) Não
( ) Ainda não posso opinar

15. Você considera importante a promoção da igualdade de gênero?

( ) Sim
( ) Sim e busco promover
( ) Sim, mas não sei como promover
( ) Não

16. Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira?
( ) Sim, muito
( ) Sim, moderadamente
( ) Sim, um pouco
( ) Sim, principalmente contra a mulher negra
( ) Não

17. Você identifica preconceito contra a mulher na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

18. Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira?

( ) Sim, muito

( ) Sim, moderadamente

( ) Sim, um pouco

( ) Sim, principalmente contra a homem negro

( ) Não

19. Você identifica preconceito contra o homem na sociedade brasileira? Em caso afirmativo, que preconceitos você identifica?

20. Na universidade, você já sofreu preconceito?
( ) Sim. Sofri preconceito
( ) Sim. Sofri preconceito por ser mulher e pela minha idade
( ) Sim. Sofri preconceito pela minha idade
( ) Sim. Por outro motivo.
( ) Não

21. Você gostaria de participar de um grupo focal sobre currículo e os estudos de gênero?
( ) Sim
( ) Não

22. Em caso afirmativo qual o melhor turno para o grupo focal?
( ) Manhã 8:30 às 11:30
( ) Tarde 14:00 às 17:00
( ) Vespertino 16:00 às 19:00

Apêndice B: Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Os Estudos de Gênero no currículo do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Pesquisador Responsável: Évelin Pellegrinotti Rodriguês
Telefone para contato do pesquisador(a): (53) 984859932
JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

A pesquisa se justifica para compreensão da importância dos Estudos de Gênero para a formação dos/das licenciandos/as do curso de Geografia Licenciatura. O objetivo desse projeto é Investigar as temáticas de gênero no Currículo e no Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia Licenciatura.

Analisar os entendimentos dos/as licenciandos/as sobre as questões de gênero e a importância dessa temática no curso de Geografia. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: Um encontro, grupo focal com duração de 2h.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

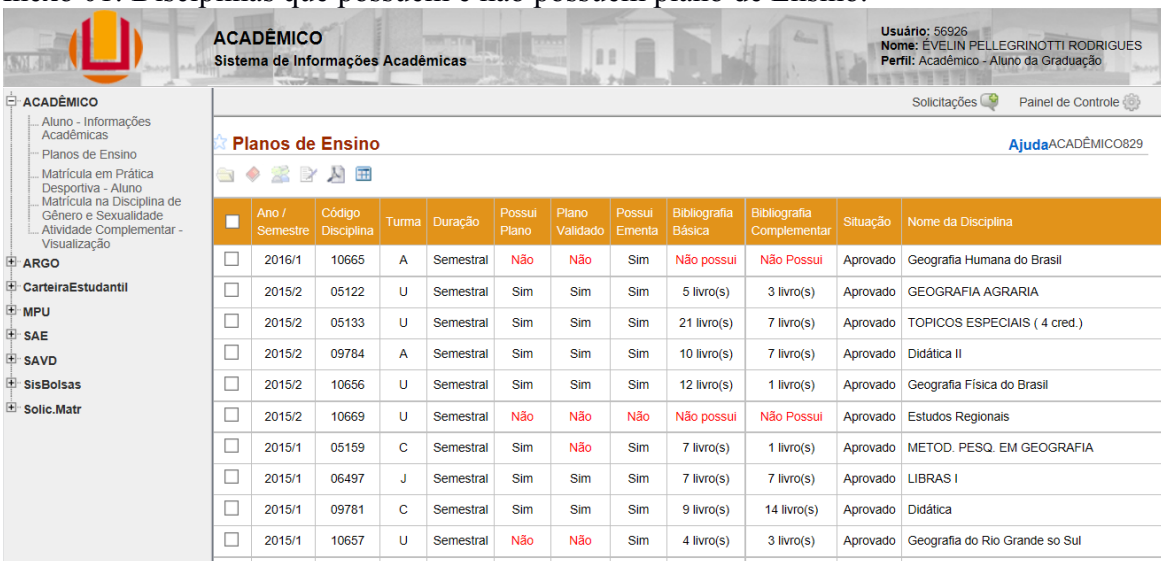
DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu,_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a)_____
dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.
Local e data:_____/_____/_____.
Nome:_____

Assinatura do sujeito ou responsável:_____
Assinatura do(a) pesquisador(a):_____

Anexos

Anexo 01: Disciplinas que possuem e não possuem plano de Ensino.



ACADÊMICO
Sistema de Informações Acadêmicas

Usuário: 56926
Nome: EVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUES
Perfil: Acadêmico - Aluno da Graduação

ACADÊMICO
- Aluno - Informações Acadêmicas
- Planos de Ensino
- Matrícula em Prática Desportiva - Aluno
- Matrícula na Disciplina de Gênero e Sexualidade
- Atividade Complementar - Visualização

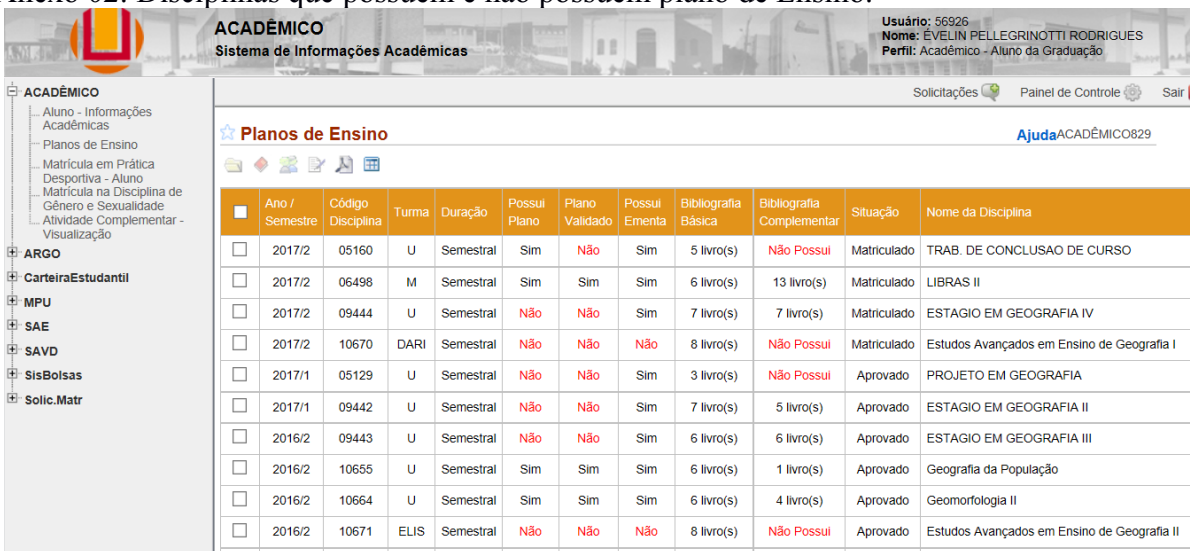
ARGO
CarteiraEstudantil
MPU
SAE
SAVD
SisBolsas
Solic.Matr

Solicitações | Painel de Controle

Planos de Ensino — AjudaACADÊMICO829

Ano / Semestre	Código Disciplina	Turma	Duração	Possui Plano	Plano Validado	Possui Ementa	Bibliografia Básica	Bibliografia Complementar	Situação	Nome da Disciplina
2016/1	10665	A	Semestral	Não	Não	Sim	Não possui	Não Possui	Aprovado	Geografia Humana do Brasil
2015/2	05122	U	Semestral	Sim	Sim	Sim	5 livro(s)	3 livro(s)	Aprovado	GEOGRAFIA AGRARIA
2015/2	05133	U	Semestral	Sim	Sim	Sim	21 livro(s)	7 livro(s)	Aprovado	TOPICOS ESPECIAIS (4 cred.)
2015/2	09784	A	Semestral	Sim	Sim	Sim	10 livro(s)	7 livro(s)	Aprovado	Didática II
2015/2	10656	U	Semestral	Sim	Sim	Sim	12 livro(s)	1 livro(s)	Aprovado	Geografia Física do Brasil
2015/2	10669	U	Semestral	Não	Não	Não	Não possui	Não Possui	Aprovado	Estudos Regionais
2015/1	05159	C	Semestral	Sim	Não	Sim	7 livro(s)	1 livro(s)	Aprovado	METOD. PESQ. EM GEOGRAFIA
2015/1	06497	J	Semestral	Sim	Sim	Sim	7 livro(s)	7 livro(s)	Aprovado	LIBRAS I
2015/1	09781	C	Semestral	Sim	Sim	Sim	9 livro(s)	14 livro(s)	Aprovado	Didática
2015/1	10657	U	Semestral	Não	Não	Sim	4 livro(s)	3 livro(s)	Aprovado	Geografia do Rio Grande so Sul

Anexo 02: Disciplinas que possuem e não possuem plano de Ensino.



ACADÊMICO
Sistema de Informações Acadêmicas

Usuário: 56926
Nome: EVELIN PELLEGRINOTTI RODRIGUES
Perfil: Acadêmico - Aluno da Graduação

ACADÊMICO
- Aluno - Informações Acadêmicas
- Planos de Ensino
- Matrícula em Prática Desportiva - Aluno
- Matrícula na Disciplina de Gênero e Sexualidade
- Atividade Complementar - Visualização

ARGO
CarteiraEstudantil
MPU
SAE
SAVD
SisBolsas
Solic.Matr

Solicitações | Painel de Controle | Sair

Planos de Ensino — AjudaACADÊMICO829

Ano / Semestre	Código Disciplina	Turma	Duração	Possui Plano	Plano Validado	Possui Ementa	Bibliografia Básica	Bibliografia Complementar	Situação	Nome da Disciplina
2017/2	05160	U	Semestral	Sim	Não	Sim	5 livro(s)	Não Possui	Matriculado	TRAB. DE CONCLUSAO DE CURSO
2017/2	06498	M	Semestral	Sim	Sim	Sim	6 livro(s)	13 livro(s)	Matriculado	LIBRAS II
2017/2	09444	U	Semestral	Não	Não	Sim	7 livro(s)	7 livro(s)	Matriculado	ESTAGIO EM GEOGRAFIA IV
2017/2	10670	DARI	Semestral	Não	Não	Não	8 livro(s)	Não Possui	Matriculado	Estudos Avançados em Ensino de Geografia I
2017/1	05129	U	Semestral	Não	Não	Sim	3 livro(s)	Não Possui	Aprovado	PROJETO EM GEOGRAFIA
2017/1	09442	U	Semestral	Não	Não	Sim	7 livro(s)	5 livro(s)	Aprovado	ESTAGIO EM GEOGRAFIA II
2016/2	09443	U	Semestral	Não	Não	Sim	6 livro(s)	6 livro(s)	Aprovado	ESTAGIO EM GEOGRAFIA III
2016/2	10655	U	Semestral	Sim	Sim	Sim	6 livro(s)	1 livro(s)	Aprovado	Geografia da População
2016/2	10664	U	Semestral	Sim	Sim	Sim	6 livro(s)	4 livro(s)	Aprovado	Geomorfologia II
2016/2	10671	ELIS	Semestral	Não	Não	Não	8 livro(s)	Não Possui	Aprovado	Estudos Avançados em Ensino de Geografia II

Anexo 03: Plano de Ensino Geografia da População

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Unid. Acadêmica: ICHI - Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Disciplina .....: Geografia da População
Código / Turma : 10655 / U

PLANO DE ENSINO

2.Sem.2016-Grad

Metodologia e Procedimentos

Aulas expositivas, atividades na Biblioteca e no Laboratório da Tecnologia da Informação (LTI) - Pavilhão 04, trabalhos individuais e/ou em grupo e semana de leitura com seminários orientados.

Características

Duração .....:	Semestral	*Carga Horária Total (em horas) :*	60 horas
Sist. Avaliação :	2 Notas e Exame	*Total de Aulas por Semana .....:*	4 horas aula
Oferecimento :	2.Sem.2016-Grad	*Créditos .....:*	4

Ementa

Concepções sobre população. Teoria de Malthus. Marx e a população. Malthusianismo e neomalthusianismo contemporâneo. Dinâmica populacional. Mortalidade. Natalidade. Fecundidade. Migração. Análise histórica dos deslocamentos populacionais. Raças, miscigenações e etnias. Políticas populacionais. Processos determinantes da espacialização da população. Influência da Demografia na análise geográfica da população.

Objetivos

Propiciar aos estudantes o conhecimento das bases teóricas, conceituais e instrumentais da Geografia da população.

Conteúdos

Teorias, conceitos e políticas populacionais, políticas demográficas
Dinâmica demográfica: crescimento e estrutura
Indicadores sociais: uso de banco de dados e fontes de artigos e notas técnicas
Mobilidade espacial: migrações internas e internacionais

Avaliação

Duas provas; participação nos seminários e no LTI

Bibliografia Básica

- Schrader, Achim. Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais / Achim Schrader ; organização de Clarissa Eckert Baeta Neves, Emil Albert Sobottka. - Porto Alegre : UFRGS, 2002.
- Jannuzzi, Paulo de Martinho.. Indicadores sociais no Brasil / Paulo de Martinho Jannuzzi. - Campinas, SP : Alínea, 2009.
- Zamberlam, Jurandir.. O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização / Jurandir Zamberlam. - Porto Alegre : Pallotti, 2004.
- Imigração e políticas sociais / Ana Cristina Braga Martes ... [et al.]. - Rio de Janeiro : Fundação Konrad Adenauer, 2009. -
- Verrière, Jacques.. As políticas de população / Jacques Verrière; tradução de Elzon Lenardon. - Rio de Janeiro : Bertrand, c1978.
- Bacci, Massimo Livi.. Historia mínima de la población mundial / Massimo Livi Bacci. - Barcelona : Ariel, 2002.

Bibliografia Complementar

- Perfil dos municípios brasileiros : assistência social 2009 / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Coordenação de População e indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

Consulta de autenticidade em www.furg.br - chave: 9995.9A4A.1A5C.A3B7

Anexo 04: Plano de Ensino Geografia e Gênero

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
Disciplina: GEOGRAFIA E GÊNERO (05182)
Professora: Susana Maria Veleda da Silva
Estagiário: Diego Miranda Nunes
Turma U – 2017
E-mails: susanasilva@furg.br
diego_rgnunes@yahoo.com.br

EMENTA: Análise das relações de gênero como fator social que acarreta transformações sócio-espaciais.

OBJETIVOS:
- Conhecer a história dos movimentos feministas.
- Compreender os conceitos e categorias feministas.
- Identificar metodologias feministas.
- Conhecer a história do pensamento feminista na Geografia.
- Propiciar aos estudantes uma reflexão sobre a concepção de que o espaço não é neutro do ponto de vista das relações de gênero.

Horário da disciplina: Quarta-feira (13:30 – 17:30) 4 Créditos/ 72 horas aula = 60h
Sistema de avaliação: II

AULA	DATA	ATIVIDADES / LEITURA GUIADA
1	09/ Agosto Aula Expositiva	Apresentação da disciplina.
2	16/ Agosto Aula Expositiva Seminário	CONCEITOS E CATEGORIAS FEMINISTAS **TEXTO 1**: Cartilha Diversidade sexual e cidadania LGBT (Secretaria da Justiça e da defesa da cidadania). **TEXTO 2**: Gênero nas escolas: duas décadas de ações pelo fim do preconceito no Brasil.
3	23/ Agosto Aula Expositiva	MOVIMENTOS FEMINISTAS E PRÁTICAS POLÍTICAS **TEXTO 3**: Geografías feministas brasileñas: um punto de vista. (Susana Maria Veleda da Silva) pp. 71-93

4	30/ Agosto	**(aula não presencial) – Leitura Individual**
5	6/ Setembro Leitura Guiada	**TEXTO 4:** Movimentos feministas, feminismos. (Suely Gomes Costa) **TEXTO 5:** Geografias Feministas: notas para reflexão. (Susana Maria Veleda da Silva) pp. 211-226
6	13/ Setembro Aula Expositiva Seminário	**TEXTO 6:** Mulheres na política: histórias de percursos e de práticas. (Maria Luzia Miranda Álvares) **RODA DE CONVERSA:** O papel da mulher na política - Vereadora Professora Denise Marques.
AULA	**DATA**	**ATIVIDADES / LEITURA GUIADA**
7	27/ Setembro Aula Expositiva Seminário	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES **TEXTO 7:** Protocolos de Atenção Básica Saúde das mulheres. Ministério da Saúde.
8	4/ Outubro	MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA - MPU

9	11/ Outubro	**(aula não presencial)** – Elaboração do Fanzine promoção da saúde feminina em alusão ao Outubro Rosa – mês de combate ao câncer – (1ª avaliação).
10	18/ Outubro	**1ª avaliação – Apresentação do material produzido e distribuição dos Fanzines.**
11	25/ Outubro Aula Expositiva	**TEXTO 8:** Revista do observatório Brasil da igualdade de gênero – Políticas Públicas para as Mulheres pp. 60-96. **Texto Complementar:** Políticas Públicas para as mulheres. **RODA DE CONVERSA:** Maria de Lourdes Lose – Coordenadora Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres.
12	1/ Novembro Leitura Guiada	**TEXTO 9:** Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. (Guacira Louro) – Capítulo I e II
13	8/ Novembro Aula Expositiva Seminário	TRABALHO E GÊNERO **TEXTO 10:** Mulheres transexuais: quando se tornar mulher é um desafio. (Mariana Barbosa de Sousa) **RODA DE CONVERSA:** O que é ser uma mulher trans? – Acadêmica de Arqueologia Álex Anzini.
14	22/ Novembro	**(aula não presencial)** – Elaboração do pôster digital para exposição e apresentação (2 avaliação)
15	29/ Novembro	**2ª Avaliação – Apresentação do pôster digital.**

Avaliação: Presença, participação das aulas, leitura dos textos propostos.

1ª Avaliação: 18/10
2ª Avaliação: 29/11

Orientações sobre a 1ª Avaliação: elaboração de um fanzine em alusão ao mês de combate ao câncer de mama (Outubro Rosa), o material deverá ser produzido a partir das discussões realizadas em aula. A confecção do fanzine será feita em dois grupos, com duas temáticas que se complementam. Os grupos produzirão os materiais à mão. Apresentação e distribuição dos fanzines: dia **18 de outubro.**
- PRIMEIRA TEMÁTICA: Promoção da saúde feminina.
- SEGUNDA TEMÁTICA: Serviços de saúde para as mulheres disponíveis no município do Rio Grande.

Orientações sobre a 2º Avaliação: Elaboração de um pôster digital, referente a pesquisa prévia sobre as temáticas a serem escolhidas em sala de aula. O pôster digital será exposto no saguão do Pavilhão 6. O objetivo é compartilhar as produções discutidas na disciplina. A elaboração do pôster será em duplas, a partir de um artigo sobre a temática Trabalho feminino e realizarão uma entrevista com trabalhadoras. O

texto de no máximo duas páginas e o deverá ser apresentado entre 15 e 20 minutos.

Organização do pôster digital:
I) Introdução
II) Referencial teórico
III) Metodologia
IV) Discussões
V) Considerações

VI) Referências

TEMÁTICAS sobre TRABALHO FEMININO

1) Mulheres feirantes.
2) Mulheres profissionais da saúde pública.
3) Mulheres Trans e o mercado de trabalho.
4) Mulheres trabalhadoras da pesca.
5) Mulheres na segurança pública.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AGENDA 2030. For LGBTI Health and Well-Being. Jul. 2017. MSM/GF; OutRight; The Global Advocacy Platform.

ANUÁRIO DAS MULHERES BRASILEIRAS (AMB). São Paulo/ Brasília: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), 2011.

COSTA, Suely G. Movimentos feministas, feminismos. **Revista de Estudos Feministas**. V. 12, N. E., 2004, p. 23-35. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/14112009-125514costa.pdf> Acesso em 16/10/2013.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia (Dirs). **Tratado de Geografía humana.** México: Anthropos Editorial /UNAM, 2006. Cap. 15, p. 337-355.

HIRATA, Helena et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HIRATA, Helena. Globalização e Divisão Sexual do trabalho. **Cadernos Pagu.** V. 2, N. 17(18), 2002, p. 139-156. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf> Acesso em 15/10/2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Capítulos I e II. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 14-56.

McDOWELL, Linda; SHARP, Joanne. (Eds.) **A Feminist Glossary of Human Geography.** Londres: Arnold, 1999.

McDOWELL, Linda. **Gender, Identity & Place. Understanding Feminist Geographies.** Minneapolis: Blackwell, 1999.

NOGUÉ, Joan; ROMERO, Joan (Eds). **Las otras Geografías**. Valencia: tirant lo blanch, 2006. Cap. 24, p. 493-510.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. **Revista de Estudos Feministas**. V. 14, N. 3, 2006, p. 801-811. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/13112009-082627ribeiro.pdf> Acesso em 13/10/2013.

SAFIOTI, H. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres. **Série Estudos e Ensaios. Ciências Sociais,** FLACSO – Brasil. Jun, 2009. Disponível em:

< http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Heleieth_Saffioti.pdf > Acesso em: 12/08/2015.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista de Estudos Feministas**. V. 12, N. 2, 2004, p. 35-50. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/14112009-055626sarti.pdf> Acesso em 15/10/2013.

SECRETARIA DE POLITICAS PARA AS MULHERES (SPM). **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, 2013-2015** (PNPM). Brasília: SPM, 2013.

SILVA, Joseli M. et al. (Org). **Espaço, gênero & Masculidades plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

SILVA, Joseli M. et al. (Org.) **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas. Ponta** Grossa: Todapalavra., 2011 a

SILVA, Joseli M. et al. (Org.) **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2014.

VALCÁRCEL, J. O. **Los horizontes de la geografia**: teoria de la geografia. Barcelona: Editorial Ariel, 2000. Cap. 2, p. 437-461.

VELEDA DA SILVA, Susana M. e Lan, Diana. "Geography and Gender studies: the situation in Brazil and Argentina". **Belgeo – Feminist Geographies around the world,** *v*. 3. Leuven, 2007, pp. 371-382.

VELEDA DA SILVA, Susana M. "A perspectiva feminista na geografía brasileira", en: Silva, J. M (Org.) **Geografias Subversivas** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, pp. 301-313.

VELEDA DA SILVA, Susana M. (1998). Geografia e gênero / Geografia feminista. O que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, 23, 105-110. http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38385/25688

_____. (2013). *A contribuição dos estudos de gênero para a Geografia do trabalho: uma pauta para discussão.* ***Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero.*** 4, (2), 106-117. http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/4224/pdf_87

_____. (2016). **Geografías feministas brasileñas: un punto de vista**. In: Garcia, V.; Herrera, I. (org.) Geografías feministas de diversas latitudes. Orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas. México: IG – UNAM, 71-94. http://www.igeograf.unam.mx/sigg/utilidades/docs/pdfs/publicaciones/geo_siglo21/serie_tex_uni/geograf_feministas.pdf

_____. (2016a). **Geografas Feministas: notas para reflexão**. In: Silva, M. (org.) Gênero e diversidade: debatendo identidades. São Paulo: Perse, 211- 228. http://wp.ufpel.edu.br/observatorio/files/2016/09/e-book-PALESTRANTES.pdf

Atendimento: marcar com antecedência por correio eletrônico.
Pavilhão 6 – Sala 25 H
Fone 32336843

Anexo 05: Projeto Político Pedagógico do Curso

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO|
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA GRADUAÇÃO
Av. Itália, Km8 – Campus Carreiros Rio Grande, RS Brasil 96201-900 fone: 53.32336772
e-mail:prograd@furg.

Curso de Graduação: GEOGRAFIA LICENCIATURA

Projeto Político Pedagógico do Curso (PPPC)

1. Histórico dos cursos de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Os cursos de Geografia- Licenciatura e Bacharelado da FURG tem sua origem na década de 1960 quando da criação dos cursos de Filosofia e Pedagogia pela Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande que funcionavam nas instalações da escola Normal Santa Joana D´Arc. Em 1968 foi criado o curso de Estudos Sociais-licenciatura curta que formava professores para lecionar Geografia, História, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB) em escolas de primeiro e segundo graus após a reforma escolar advinda do decreto 5.692 de 1971[1].

O curso de licenciatura em Geografia foi aprovado pelo Decreto de nº 83.382 de 30 de abril de 1979 e publicado no Diário Oficial no dia 02 de maio de 1979. O decreto concedia para Universidade também o reconhecimento dos cursos de Educação Artística e de História. O curso, habilitado para formar docentes, entrou em vigor no ano de 1981, no turno da tarde e foi criado com os seguintes objetivos:

[1] NEVES, F.N. Ciências Humanas. In: NEVES, F.N. (Org). Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 35 a serviço da comunidade. Rio Grande: FURG, 2004, p. 71-94.

- Assegurar uma estrutura de conhecimentos básicos que habilite o aluno às etapas da organização curricular;
- Propiciar a formação da consciência crítica, embasada em conhecimentos teóricos e técnicos;
- Proporcionar a instrumentalização de conhecimentos profissionalizantes de caráter geral.

As disciplinas específicas para a formação dos licenciados em Geografia ligadas a tradição disciplinar e as exigências legais como as derivadas da Geografia Física, da Geografia Humana, da Geografia Regional e da Cartografia eram lecionadas por docentes do então Laboratório de Geografia do Departamento de Geociências (GEOLAB/DGEO) e a formação para docência em escolas dos então primeiro e segundos graus era vinculada aos professores do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento (DECC). Com um núcleo central de professores ligados ao extinto GEOLAB/DGEO da FURG, o curso expressava uma hegemonia de disciplinas vinculadas as Ciências Exatas e da Terra como Química, Mineralogia, Petrografia e Hidrologia lecionadas por professores com formações diversas. Entre as características do curso estava a pequena expressão dos professores

do GEOLAB com pós-graduação: até o começo da década de 1990, apenas três dos oito professores possuíam título de mestre e não existiam doutores em Geografia.

Em 1989 o curso de licenciatura passou por reformulação e a FURG criou a habilitação-Bacharelado (093-196). Os professores que propuseram as alterações justificavam que a estrutura do curso não respondia mais aos novos conhecimentos da área geográfica, como também não correspondia à realidade profissional da época. Para a implementação do Bacharelado e a reformulação da habilitação-Licenciatura em Geografia, foram autorizados e realizados concursos públicos para novos docentes com formação em Geografia e Meteorologia. A opção por realizar concursos para professores que portavam apenas os diplomas de graduação e/ou mestres, garantiu a concorrência entre os candidatos e a ocupação de quatro vagas para Geografia Humana, uma para Geografia Física, uma para Cartografia e uma para Meteorologia. Concomitantemente, o GEOLAB necessitou organizar um

3

quadro de qualificação docente para a consolidação e expansão de suas atividades.

Os cursos de Geografia intensificaram a relação entre ensino, pesquisa e extensão que se completava através dos diversos eventos, como as Semanas Acadêmicas (em 2013 foi realizada a décima nona edição) e o incentivo a participação dos acadêmicos e dos docentes em eventos externos demonstrando a perspectiva de ampliação das atividades que superassem a relação aluno-professor em sala de aula. A relação também se efetivava nas saídas de campo e pelo desenvolvimento e apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que constituíram-se em disciplina obrigatória para as duas habilitações no currículos implantados em 1989.

Com as imposições da Constituição Federal de 1988, a construção de políticas estatais que dificultavam a ascensão na carreira docente sem os títulos de mestre e/ou doutor, bem como a crescente valorização salarial da titulação, a partir de 1989, os professores contratados pelos concursos públicos construíram e consolidaram com seus colegas um plano de capacitação para afastamentos integrais para a realização de cursos pós-graduação no Brasil e no exterior. Com o acréscimo de outros professores com pós-graduação em andamento ou concluídos, as imposições da legislação para a formação de licenciados e bacharéis, as transmutações no conhecimento sobre as dinâmicas naturais e sociais e a pluralidade das formações obtidas pelos professores em seus processos de formação como mestres e doutores especialmente em Geografia, os currículos implantados em 1996 e 2004 refletiam as amalgamas entre a tradicional ligação com as Ciências Exatas e da Terra, base do DGEO, com o trabalho dos recém titulados e em titulação com diálogos com as Ciências Humanas e Sociais.

A partir de 1995 iniciou-se uma nova reformulação curricular dos cursos de Geografia que levou em consideração a discussão da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e também a mudança de turno, bem como a atualização de dos QSLs que ocorreria no curso a partir de 1996. A mudança trouxe conseqüências imediatas, tanto em relação ao perfil do aluno como também a necessidade de adaptar um currículo extenso de 3.000 horas e diurno para 2.410 horas no horário noturno. Assim, em 1996 a nova

reformulação nos quadros de seqüência lógica (QSLs) e a mudança de turno tornaram os cursos de Geografia (Licenciatura Plena -091-196 e Bacharelado-093-196) mais fluídos e semelhantes aos aqueles em execução nas maiores Universidades brasileiras.

A mudança do turno diurno para noturno foi também justificada pelos professores responsáveis pela reformulação como "a mudança da realidade social e a necessidade de mudar o sistema curricular para corresponder ao novo perfil do profissional exigido pelo mercado de trabalho". Alegavam também a necessidade da troca do turno para que houvesse uma ampliação da clientela.

Com a reformulação do curso, o perfil que ficou estabelecido e oferecido pela universidade ao profissional de Geografia foi:

- Perfil do Professor: "o professor de Geografia deverá dominar o conteúdo específico e conhecer as técnicas e recursos didáticos/pedagógicos necessários aos processos de ensino-aprendizagem, resguardando o adequado entendimento das relações entre a atividade profissional e as questões sociais, políticas e culturais da realidade em que atua. Para isto suas principais características são: dinamismo; participação ativa nos acontecimentos contemporâneos em escala local, regional, nacional e global; gosto pelo estudo e leitura: manter-se atualizado no desenvolvimento didático/pedagógico e na evolução do conhecimento geográfico; disposição para pesquisa; preocupação com os problemas sócio-ambientais."

- Perfil do Geógrafo: "o Geógrafo é o técnico responsável pela resolução de problemas do espaço geográfico (natural ou modificado) e comprometido com as transformações sociais, da mesma forma que outras categorias profissionais. Por isto ele torna-se agente modelador do espaço, cabendo-lhe analisar uma multiplicidade de variáveis que compõem cada área e que constituem a dimensão da realidade humana e ambiental."

Uma estratégia adotada em concomitância com as alterações realizadas nos QSLs pelos docentes lotados no então GEOLAB/DGEO da FURG, foi a manutenção do plano de realização de mestrados e doutorados, objetivando a qualificação das pesquisas, a captação de recursos e criação de um Programa

de Pós-Graduação *stricto sensu*. Desta forma, o processo de qualificação dos docentes, permitiu que as transformações dos QSLs dos cursos de Geografia articulem as exigências legais para a formação e o reconhecimento dos profissionais da Geografia formados na FURG, com as diferentes dinâmicas teóricas, metodológicas e instrumentais da disciplina e ciências correlatas, bem como da execução de atividades de pesquisa e extensão com diferentes fontes de financiamento com a inserção dos estudantes de graduação que qualificam sua formação.

2. Justificativa da criação do novo Curso de Geografia Licenciatura

No começo do século XXI, as transformações advindas das reestruturações iniciadas na última década do século passado especialmente as ligadas a capacidade de financiamento do Estado, as estruturas das empresas, no mundo do trabalho e das facilidades informacionais, as mudanças na legislação da formação de profissionais de nível superior encontraram ambiente fértil para a reorganização de diversos cursos de graduação. Processo semelhante ocorreu nos programas de pós-graduação com a intensificação no enquadramento formativo em matrizes que consideravam determinados índices como os únicos portadores de virtualidades e não de resultados de determinadas políticas de concepção do Mundo e das múltiplas características de uma instituição necessariamente universal e plural como é a Universidade pública. Uma das conseqüências foi a diminuição dos prazos para a conclusão dos mestrados e doutorados que combinada ao encolhimento e a reorganização do mercado de trabalho forjou a aceleração de titulados sem a interlocução com mundo do trabalho fora dos campus criando um processo em geral um processo de endogamia onde a maturação de idéias e confronto com as múltiplas determinações do mundo foram secundarizadas em nome da rápida especialização e dificultaram a compreensão de que as disciplinas e projetos fazem parte de um curso e que este é que organiza aquelas.

Na FURG uma das conseqüências foi a implementação do chamado núcleo comum das licenciaturas que colocaram para estas habilitações um conjunto de disciplinas que comporiam e ainda compõem a formação das 400 horas de práticas de componentes curriculares vivenciadas ao longo do curso e mais

6

400 horas de estágios curriculares. Nos cursos de Geografia, que sempre foram distintos, o processo ocorreu na Licenciatura e atingiu o curso de Bacharelado que possuía disciplinas comuns a esta como em outras Universidades brasileiras.

Em 2003 foi realizada uma reformulação dos cursos de Geografia que passaram a ser integralizados em cinco anos a partir de 2004 com disciplinas semestrais e anuais com diferentes cargas horárias e tendencialmente houve a ampliação do distanciamento da formação dos profissionais da Geografia, licenciados e bacharéis. Operacionalmente uma coordenação de curso administra dois cursos com disciplinas com dois, três, quatro, seis, sete e oito créditos que ora são oferecidas para a Licenciatura e Bacharelado e ora para um curso ou outro. Com a implementação dos novos QSLs, os cursos criados em 1994 foram extintos em 2004. As estruturas dos cursos refletiam a organização da FURG onde os docentes que formavam seu núcleo central eram lotados no GEOLAB/DGEO extinto na reforma da Instituição em 2008.

Passados dez anos da implementação dos currículos que apesar de cumprirem as exigências legais, observou-se o esgotamento de um ciclo. O ciclo foi encerrado com a combinação entre a não efetivação das mudanças

cumprirem as exigências legais, observou-se o esgotamento de um ciclo. O ciclo foi encerrado com a combinação entre a não efetivação das mudanças preconizadas pelos discursos das reestruturações e com a mudança do perfil do quadro docente central agora lotado no ICHI e o prolongamento do tempo de formação em cursos com intrincados pré-requisitos.

No atual QSL do curso de Geografia Licenciatura das 3.605 horas de disciplinas obrigatórias 36,8% são cursadas com responsáveis sem formação em Geografia. Quadro minimizado pela presença das disciplinas do núcleo comum das licenciaturas que propiciam aos estudantes a execução durante das 400 horas de práticas de componentes curriculares vivenciadas ao longo do curso (Quadro 1).

Quadro 1: Disciplinas obrigatórias do curso de Geografia Licenciatura do ICHI lotadas em outras unidades ou com professores de outras unidades

Disciplina	Unidade da disciplina	Créditos	Horas	Docente
Geologia Geral	IO	8	120	IO
Ecologia Fundamental	IO	4	60	IO
Elementos de climatologia	IO	4	60	IO
Elementos Sociológicos da	ICHI	2	30	ICHI

7

Educação				
Elementos Filosóficos da	IE	2	30	IE
Educação				
Psicologia da Educação	ICHI	8	120	ICHI
EJA	IE	4	60	IE
Didática	IE	8	120	IE
Política Pública da	IE	4	60	IE
Educação				
Estágio I	IE	8	120	IE
Estágio II	IE	8	120	IE
Estágio III	IE	6	90	IE
Estágio IV	IE	6	90	IE
Produção Textual	ILA	4	60	ILA
Totais		**76**	**1.140**	

Com este breve histórico é possível apresentar as justificativas para a implementação dos novos cursos de graduação em Geografia da FURG com os seguintes eixos centrais: (1) otimização da utilização da carga horária dos professores titulados em Geografia para a efetiva formação dos profissionais licenciados e bacharéis em Geografia em diálogo com as atividades no Programa de Pós-Graduação em Geografia do ICHI; (2) semestralização; (3) tendência da homogeneidade de quatro créditos para as disciplinas facilitando

tendência da homogeneidade de quatro créditos para as disciplinas facilitando a operacionalização da distribuição de carga horária e a confecção de horários; (4) atribuição de cargas horárias específicas para disciplinas com atividades práticas e/ou de campo.

3. Princípios norteadores

A literatura internacional e nacional sobre a formação da Geografia como uma dos modos de interpretar o Planeta como dimensão natural e o Mundo como dimensão das dinâmicas das sociedades ao longo do tempo indica pelo menos duas características: (1) uma longa tradição empirista e generalista que em muito contribuiu para descobrir e pontuar as coisas e fenômenos no planeta; (2) o progressivo afastamento de sua gênese que pode ser apontada como situada na filosofia grega entre os séculos V e VI a. C. e no pensamento alemão pelo menos desde o final do século XVIII, o embaçamento de possibilidades dialógicas e muitas vezes a sedução para acenos facilitadores que, mais que dar conta de interpretar as permanências e frugalidades no

mundo, corroboram para uma concepção das outras ciências de que a Geografia trataria apenas dos palcos das ações humanas.

Após séculos de imprecisas normatizações e delimitações, a institucionalização da Geografia é demarcada no final do século do XVIII e começo no século XIX na área que seria a futura Alemanha na tradição do pensamento de Immanuel Kant (1724-1804). Há certo consenso que os percussores da Geografia são Alexander Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859) e seus sucessores como Oscar Peschel (1826-1875), Ferdinand von Richthofen (1833-1905) e Friedrich Ratzel (1844-1904). Estes percussores com formações diversas marcaram a Geografia como uma ciência formuladora de esquemas interpretativos com diálogo aberto com outros campos de conhecimento. Com a escola francesa em especial através da obra do precursor Paul Vidal de La Blache (1845-1918), que marcou profundamente a institucionalização da Geografia no Brasil, a ciência nascida no momento de ascensão e consolidação das burguesias que através dos Estados Nacionais que disputavam e disputariam hegemonias continentais e planetárias, incluiu as emblemáticas Sociedades Geográficas como a *African Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa* criada em Londres em 1788 e que dará origem a *Royal Geographical Society of London* e as similares em Paris (1821), Berlin (1828), Mexico (1833), Franckfurt (1836) e São Petersburgo (1845). Com um ritmo de crescimento ascendente até os últimos anos do século XIX e posteriormente na década de 1920, as sociedades geográficas transitavam entre a difusão dos conhecimentos expedicionários e a composição da chamada "Geografia comercial", ativa na naturalização do colonialismo e do imperialismo.

Numa síntese, ficaram alguns princípios valiosos para a formação dos futuros profissionais da Geografia como (a) causalidade: com gênese entre os gregos na Antiguidade, desenvolvido pelos alemães e adotado, criticamente pelos franceses; (2) localização: desde a Antiguidade; com impulso entre os alemães e fundamental para a geografia francesa; (3) unidade terrestre: originário da Antigüidade; adotado pelos alemães e posteriormente aprofundado na França; (4) extensão: desenvolvido pelos alemães (em especial F. Ratzel) e ampliado pelos franceses (5) diferenciação de áreas ou

regionalização: presente nos clássicos gregos e caro para Alfred Hettner (1859-1941), aperfeiçoado na escola francesa e valorado pelo estadunidense Richard Hartshorne (1899-1992); (6) conexão: desenvolvido na França com base nos gregos, presente em Bernhardus Varenius (1622-150) e dos alemães clássicos, antecipando a teoria sistêmica na Geografia.

No Brasil, a institucionalização da Geografia pode ser atribuída a estruturação dos cursos na Universidade de São Paulo (USP) e na do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Associação dos Geógrafos Brasileiros na década de 1930 em um momento de afirmação do projeto nacional de desenvolvimento com base na gênese e consolidação da sociedade urbano-industrial.

Deste movimento, a formação de profissionais de Geografia foi balizada na esteira de influências de centros localizados no centro do sistema mundial com amálgamas entre as diferentes tendências que em alguns momentos hegemonia e no diálogo com as bases do pensamento social brasileiro procurava formular explicações originais sobre as dinâmicas e problemas do país. Professores e bacharéis em Geografia formados no Brasil atuavam em diferentes níveis de escolarização, instituições de pesquisa e de planejamento e de movimentos sociais e foram ativos colaboradores na elaboração de distintos projetos para o país. No processo formativo da Geografia brasileira, destacaram-se e deram relevo a ciência geográfica no contexto da produção científica brasileira profissionais como Milton Santos (1926-2001), Aziz Ab´Saber (1924-2012), Manuel Correia da Andrade (1922-2007), Armando Correia da Silva (1931-2000), Bertha K. Becker (1930-2013) e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Na esteira das transformações territoriais e sociais do país consolidaram-se centros de formação de profissionais de Geografia que combinavam as marcas da tradição das diferentes idéias científicas com a produção de conhecimentos sobre o Brasil. Daí as marcas de concepções do mundo, do trabalho acadêmico e das posturas profissionais eivadas de sinais do positivismo, do historicismo, do neopositivismo ou empirismo lógico, dos marxismos, da fenomenologia e do pós-estruturalismo. As atividades formativas dos

10

licenciados e bacharéis em Geografia nas Universidades brasileiras estão marcadas por posições que podem ser pragmáticas conceitualmente, ecléticas e mesmo que insistem e encontram terreno fecundo para negar qualquer influência em nome de atividades que rememoram os discursos da neutralidade científica e profissional até o entendimento da quebra de todos paradigmas em nome da desconstrução analítica e dos discursos.

Um currículo para formação de profissionais de Geografia Licenciatura deve combinar o diálogo com esta breve síntese da tradição disciplinar que articula diferentes campos de conhecimento e concepções com a abertura para as especificidades da inserção regional e local da Instituição com a matriz formativa do corpo docente e com graus de flexibilidade que permitem a diversificação formativa dentro dos limites da legislação das habilitações. Esta compreensão é viabilizada nos QSLs propostos com disciplinas que abordam a formação do pensamento geográfico no contexto da ciência como História do Pensamento Geográfico e Teoria da Geografia e na análise escalar (as disciplinas da chamada Geografia Regional), nos processos naturais (ligadas ao campo da Geografia Física) e nas dinâmicas sociais (aquelas relacionada a Geografia Humana) e vinculas aos ecossistemas costeiros e oceânicos conforme o Programa Pedagógico Institucional da FURG (2011-2022): "A vocação da FURG – uma universidade voltada para os ecossistemas costeiros e oceânicos – expressa seu compromisso socioambiental e seu alinhamento com o desenvolvimento local, regional, nacional e global, envolvendo todas as áreas do conhecimento" (p. 4). Sua operacionalização esta registrada em várias ementas de disciplinas que privilegiam este recorte espacial para análises aprofundadas e em disciplinas obrigatórias que tratam de processos específicos como Geomorfologia Costeira e em disciplinas optativas como Antropologia da Pesca, Organização Espacial da Pesca, Ambientes sedimentares e Morfodinâmica costeira.

Na nova estrutura da FURG os professores com formação em Geografia reunidos no extinto GEOLAB/DGEO foram lotados na área de Geografia do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI). No então DGEO, a relação central era prioritariamente com colegas oceanólogos, meteorologistas, físicos e geólogos. No ICHI, a dinâmica envolve profissionais das Ciências

11

Humanas e da Informação. Passados 10 anos da última reforma dos cursos, o quadro docente da área de Geografia do ICHI é composto por profissionais graduados em Geografia, sendo 12 doutores e dois mestres. As salas de permanência com no máximo dois docentes estão localizadas no Pavilhão 6 e no prédio do ICHI no Campus Carreiros. As salas de permanência dos docentes localizadas no Pavilhão 6 são contiguas as salas dos grupos de pesquisa, da maior parte das salas de aula e do Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO).

As atividades de pesquisa e extensão estão organizadas em sete grupos de pesquisa e/ou laboratórios estruturados no ICHI com ligações intrínsecas entre os estudantes de graduação, de pós-graduação e colaboradores de instituições de ensino superior e externos ao universo acadêmico: (a) Análises Sócio-Ambientais (ASA); (b) Laboratório de Geomorfologia e Recursos Hídricos; (c) Laboratório de Monitoramento da Criosfera (LaCrio); (d) Núcleo de Análises Urbanas (NAU); (e) Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira (ATABAQUE); (f) Núcleo de Estudos Agrários e Culturais (ARCA).

O grupo de pesquisa NAU organiza desde 2005 o ciclo de palestras "Quintas urbanas" que promove atividades para discutir o processo de

urbanização e constituição da cidade através das múltiplas abordagens por profissionais com diferentes formações. O mesmo grupo publica desde 2007, o CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas (Qualis B3).

O curso de Geografia Licenciatura conta com as bibliotecas da FURG, abertas à comunidade em geral, colocando à disposição acervos organizados e estruturados, buscando seguir as tendências atuais da informação. As consultas são de livre acesso e a pesquisa, renovação e reserva de materiais podem ser feitas por autoatendimento (microcomputadores de consulta) ou pela internet. O acervo aberto permite ao usuário ir diretamente às estantes, orientando-se por cartazes indicativos ou pelo número de chamada obtido nos microcomputadores espalhados pelas Bibliotecas para consulta, através do sistema ARGO. Se preferir, o usuário pode se utilizar do serviço de referência, que o auxilia na localização do material. O empréstimo do acervo é facultado, apenas, a usuários com vínculo na Instituição.

12

A Biblioteca Central dispunha de uma área de 1.432,08 m2, que foi ampliada para uma área total de 2.700 m², distribuída por um novo hall de entrada, com 300 armários onde os alunos podem guardar seus pertences enquanto estiverem na biblioteca assim como uma sala de estar. Apresenta um amplo salão de leitura, salão para acervo de livros, periódicos e materiais de referência, nove salas de estudo em grupo (com mesas para 4 lugares) 10 cabines para estudo individual, sala com acervo em Braille, balcão de empréstimos, setor de referência, sanitários, e área administrativa composta por sala da direção, sala de processamento técnico de livros, sala de processamento técnico de periódicos, intercambio e COMUT (Serviço de Comutação Bibliográfica entre instituições) sala do setor de referência, secretaria e sala de recuperação de documentos. Em todo o prédio da Biblioteca estão disponíveis computadores com Internet, assim como Internet *wireless*. A Biblioteca se propõe a atender as necessidades bibliográficas do ensino de graduação, provendo-lhe suporte informacional através de seus produtos e serviços. O grande público da Biblioteca Central é composto pelos estudantes de graduação, mas atende toda a comunidade acadêmica, da qual fazem parte alunos de pós-graduação, alunos de educação à distância, professores, servidores técnicos-administrativos da Universidade e a comunidade externa.

Em 2014 os cursos contam com 264 estudantes (131 do Bacharelado e 133 da Licenciatura) e com apoio de 17 técnicos em educação na secretaria administrativa do ICHI; e com a colaboração ativa de docentes ligados a outras Unidades Educacionais da FURG, a nova estrutura curricular se caracteriza pela hegemonia de disciplinas lecionadas por profissionais da área de Geografia do ICHI, garantindo os necessários diálogos com outros campos do conhecimento como uma das marcas da história da disciplina. Ao manter dois cursos, a proposta reaproxima parte significativa da formação dos estudantes do bacharelado e da licenciatura com características semelhantes aos cursos de Geografia das Universidades públicas brasileiras, mas garante a tipificação profissional. Portanto, ao se entrelaçar com as transmutações das bases da organização das sociedades, da ciência e das profissões, o perfil desejado dos candidatos e a estrutura curricular permite consolidar as abordagens que

13

consideram fundamentais o entendimento de categorias filosóficas como Espaço, Tempo, Natureza e Sociedade entre outras para a operacionalização dos conceitos geográficos como território, região, formação socioespacial, lugar, redes, escala, geossistema, ambiente, paisagem e organização espacial.

Na estrutura curricular há a materialidade da relevância das tecnologias de geoprocessamento para a representação das formas, processos, funções e estruturas que permitem fornecer instrumentos para produção científica e para as práticas docentes.

4. Estrutura curricular do curso de Geografia Licenciatura

A estruturação dos cursos tem como pressupostos os eixos temáticos do conhecimento da Geografia forjados na tradição da Geografia Humana, da Geografia Física, da Geografia Regional e da Cartografia com os aperfeiçoamentos das tecnologias de geoprocessamento, as quais sustentam articulações complexas, envolvendo conhecimentos das ciências naturais e humanas e suas possíveis representações cartográficas nas dimensões de análise e síntese. Combinado com os eixos temáticos centrais, os QSLs aprofundam a formação para o entendimento e a posição propositiva em relações a temas que acompanham a história da disciplina como aqueles ligados as questões ambientais em diversas disciplinas obrigatórias como em Geografia e Meio Ambiente e destacadas na Política Nacional de Meio Ambiente (Decreto 4.281 de 25 de junho de 2002) e interseccionais relacionadas ao gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. A leitura interseccional nas análises dos processos gerais estão contempladas em disciplinas obrigatórias como Geografia da População e Geografia Cultural e nos recortes regionais em Geografia Humana do Brasil e Geografia do Rio Grande do Sul, bem como em disciplinas optativas como Geografia e Gênero.

14

4.1. A sistematização do curso de Geografia Licenciatura

Situação legal: Reconhecido pelo Decreto n. 83382, de 30/04/79, publicado no DOU de 02/05/79.
Conceitos obtidos nas Avaliações promovidas pelo MEC :
Provão ENADE - Ano de 2003 – B; Ano de 2005 – 4
Carga Horária Total: 3.185 horas

Integralização Curricular : tempo mínimo – 08 semestres e tempo máximo – 14 semestres

Turno preferencial de funcionamento: NOITE com as atividades práticas de algumas disciplinas, bem como disciplinas optativas nos turnos da manhã e/ou tarde e finais de semana.

4.2. Objetivo do curso de Geografia Licenciatura

Formar profissionais com sólida formação nas categorias/conceitos da Geografia para atuar criativamente em ambientes de escolarização. A

formação permite reconhecer os conteúdos das categorias/conceitos e sua operacionalização que envolve as múltiplas dimensões de seu trabalho com capacidade compreender a sua inserção no processo educacional e em sua especificidade como professor de Geografia com ações reflexivas e autorais em relação as políticas públicas em especial de educação e da Geografia.

4.3. Perfil do candidato ao curso de Geografia Licenciatura

- Disposição para a leitura, compreensão e redação de textos com diversas formatações;

-- Aptidão para docência em Geografia, a partir de uma formação sólida pedagógica, com aprofundamento na formação ensino-aprendizagem articulados com os conceitos e processos geográficos.

15

- Capacidade em compreender os elementos básicos das ciências exatas para a análise de distintos processos naturais e sociais e a produção de suas representações cartográficas;

- Interesse nas leituras e análises escalares das dinâmicas econômicas, sociais e política;

- Disponibilidade para o exercício indissociável do ensino, da pesquisa e da extensão, visando à produção de conhecimento.

4.4. Competências e habilidades dos graduados em Geografia Licenciatura

Com base no Parecer CNE/CES n. 492 de 03 de abril de 2001, no Parecer CNE/CES n. 1.363, de 12 de dezembro de 2001 que retifica o anterior e no Parecer CNE/CES n. 14 de 13 de março de 2002. O curso de Graduação Geografia Licenciatura deve proporcionar o desenvolvimento das seguintes habilidades:

a) Gerais

a. Identificar e explicar as dimensões geográficas nas diversas manifestações do conhecimentos;
b. Articular elementos empíricos e conceituais, concernentes ao conhecimento científico dos processos espaciais;
c. Reconhecer as diferentes escalas de ocorrência e manifestação dos fatos, fenômenos e eventos geográficos;
d. Planejar e realizar atividades de campo referentes à investigação geográfica;
e. Dominar técnicas laboratoriais concernentes a produção e aplicação do conhecimento geográficos;
f. Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito de área de atuação da Geografia;
g. Utilizar os recursos da informática;
h. Dominar a língua portuguesa e um idioma estrangeiro no qual seja significativa a produção e a difusão do conhecimento geográfico;

i. Desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos em atividades individuais ou equipes multidisciplinares.

b) *Específicas*

a. Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais:

b. Identificar, descrever, analisar, compreender e explicar as diferentes práticas e concepções concernentes ao processo a organização geográfica das sociedades;

c. Selecionar a linguagem científica mais adequada para tratar a informação geográfica, considerando suas características e o problema proposto;

d. Avaliar representações ou tratamentos gráficos e matemático-estatísticos e. Elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas.

f. Dominar os conteúdos básicos que são objeto de aprendizagem nos níveis fundamental médio;

g. Organizar o conhecimento espacial adequando-o ao processo de ensino-aprendizagem em geografia nos diferentes níveis de ensino.

5. Estrutura Curricular da Licenciatura em Geografia

Os eixos articuladores da formação do professor de Geografia da FURG estão distribuídos na estrutura curricular que contempla disciplinas comuns com a formação do bacharel, disciplinas específicas e optativas, 200 horas de atividades acadêmico-científico-culturais ou complementares, 420 horas de estágios e elaboração e apresentação de um Trabalho de Conclusão de Curso.

5.1. Currículo Comum a Licenciatura e ao Bacharelado.

- Disciplinas do eixo da formação básica conceitual e metodológica: História do Pensamento Geográfico; Teoria da Geografia;

- Disciplinas do eixo articulador com as Ciências Exatas e da Terra: Geologia Geral, Hidrografia, Biogeografia, Meteorologia e Climatologia, Geomorfologia I, Geomorfologia II;

- Disciplinas do eixo articulador com as Ciências Humanas e Sociais: Geografia da População, Geografia Econômica, Geografia Política e Geopolítica, Geografia Agrária, Geografia Urbana, Geografia Cultural;

- Disciplinas do eixo para a análise escalar dos processos naturais e sociais: Regionalização do Espaço Mundial, Geografia Física do Brasil, Geografia Humana do Brasil, Geografia do Rio Grande do Sul, Geografia e Meio Ambiente,

- Disciplinas do eixo para o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional: Metodologia da Pesquisa Geográfica; Projeto em Geografia; Trabalho de Conclusão de Curso

5.2. Estrutura curricular específica do curso de Geografia Licenciatura:

- Disciplina para formação para compreensão e aplicação de geotecnologias:

Estatística Descritiva, Cartografia Básica

- Disciplinas do eixo para a formação profissional: Elementos Sociológicos da Educação; Elementos Filosóficos da Educação; Educação de Jovens e Adultos; Políticas Públicas da Educação; Psicologia da Educação; Didática I; Didática II; Estudos Regionais; Estudos Avançados para a Formação de Professores de Geografia I; Estudos Avançados para a Formação de Professores de Geografia II; Libras I e II; Produção Textual; Estágios em Geografia I, II, II, IV.

Disciplinas optativas do curso Geografia Licenciatura:

O conjunto de disciplinas do curso do Geografia Bacharelado respeitando os pré-requisitos e excetuando o Estágio Bacharelado.

Disciplinas de Língua Instrumental do Instituto de Letras e Artes: Língua Francesa Instrumental I e II; Língua Espanhola Instrumental I e II; Inglês Instrumental – Leitura e Inglês Instrumental – Expressão Oral; Introdução as Técnicas de Fotografia.

18

Disciplinas para análise das dinâmicas socioambientais:

Cartografia Aplicada ao Ensino de Geografia; Exercício Profissional em Geografia, Antropologia da Pesca, Organização Espacial da Pesca, Tópicos Especiais, Introdução ao Estudo da Cultural Material, Modernidade e Capitalismo, Antropologia I e II, História e Cultura Afro-brasileira, Direito do Mar, Direito Portuário, Direito Ambiental, Geografia e gênero.

Disciplinas para análise das dinâmicas naturais e sociais costeiras e oceânicas:

Introdução a Física, Interação Oceano Atmosfera, Geomorfologia do Quaternário, Perspectiva em Meio Ambiente e Recurso, Ecologia Fundamental, Química e Poluição, Ecologia da Paisagem, Sedimentologia, Geologia do Quaternário, Ambientes Sedimentares.